

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
FONE: 226.0242 - CEP 90020-025



" QUERIDÍSSIMO CANALHA "

PERSONAGENS:

Ulisses de Lamarr

Olivia e Felícia, suas filhas

Haroldo, secretário de Ulisses

Um emissário religioso

Sibilla Pinel, atriz argentina

Boncrino, assaeta de Ulisses

Peça em dois atos de

I V O B E M D E R

PORTO ALEGRE, 1971

QUERIDÍSSIMO CANALHA

Ivo Bender

Personagens:

- Ulisses de Lamarr
- Olívia e Felícia, suas filhas
- Haroldo, secretário de Ulisses
- Um emissário religioso
- Sibilla Pinel, atriz argentina
- Bonorino, assecla de Ulisses



Cenário:

Uma sala elegante, misto de living e de gabinete. Uma escrivaninha, cadeiras, um recamier. Cortinas pesadas cobrem o fundo. Dois biombos altos à esquerda e à direita.

I ato

CENA 1

ULISSES (CANTANDO):

- Senhoras e senhores,
 rapazes, senhoritas,
 preparem-se para testemunhar
 uma série de acontecimentos
 muito pouco singulares!
 O que lhes vai ser exibido
 a poucos mortais é dado:
 As portas de Ulisses de Lamarr
 abrem-se hoje de par em par
 e vossos olhos engolfados de marasmo
 e vossas mentes só ao tédio acostumadas
 poderão por fim constatar
 como vive um rico homem de bem
 nesta estranha capital
 deste incrível país insular.
 Para dar começo à história
 Aqui deixo êstes dados
 de importância fundamental:
 Sou viúvo, duas ou três vezes;
 com a morte prematura e violenta
 de minhas amantíssimas espôsas
 entrei de posse de uma fortuna
 mais ou menos considerável
 (Ah, mas não se apressem a me julgar

como frio aventureiro
 ou desalmado calculista,
 nunca fui interesseiro
 e, ao casar, casei só por amor.)
 Como todo homem que é homem
 e como qualquer varão de bem
 plantei árvores e tive filhos.
 (Na verdade, tenho uma vasta
 plantação de pinheiros
 espalhada por milhares de hectares
 para fins industriais.)
 Os dois filhos que tive
 são na verdade duas filhas:
 Olívia e Felícia são seus nomes,
 belas, educadas e vividas,
 muito preocupadas em fazer crescer
 o patrimônio familiar.
 Resta-me, agora, escrever um livro.
 Mas, ai de mim! não sou poeta,
 nem romancista nem um reles novelista.
 Por isto tudo aqui estou
 desnudando até a alma
 todo o meu interior:
 e peço ajuda aos senhores:
 -É que vendo a minha vida
 talvez me dêem uma idéia,
 (ou vendam, já que os tempos são modernos)
 Talvez me dêem uma idéia, dizia eu,
 para um livro escrever,
 pois árvores já semeiei,
 pai extremo me tornei
 e, falta ainda, o drama ou romance,
 (quem sabe mesmo uma comédia?)
 Prá meu destino completar!



HAROLDO (VINDO DA DIREITA) - O senhor permite?

ULISSES (INDO PARA A ESCRIVANINHA) - Entra de uma vez, rapaz! E não me diga que veio me interromper apenas para avisar que está na hora.

HAROLDO - Exatamente, senhor. Falta apenas uma hora.

ULISSES - Mas que impertinência, Haroldo. Que mesquinha impertinência! Não precisa perder seu tempo com ninharias: sei quais os seus compromissos e fique certo que não lhe pago o rágio salário que recebe para me comunicar as horas.

HAROLDO - É que sendo a ocasião tão importante e sendo ela sua filha...

ULISSES - Como se fôsse esta a primeira vez! Ou a última! Pensa que não sei as filhas que tenho? Julga que não as conheço?

HAROLDO - (EXAMINA O RELÓGIO) - Agora faltam apenas 55 minutos.

ULISSES - Obrigado, Haroldo. Mas se você continua assim, vou ter de despedi-lo. Pode ir agora. (HAROLDO VOLTA-SE PARA SAIR) - Espere. Vá ao dormitório e traga a minha caixa. Ainda não tomei minha dose matinal.

HAROLDO - Está no lugar de costume ?

ULISSES - Junto à mesa de cabeceira. Vamos, que demora!

HAROLDO - Quase que me esqueço : está aqui um senhor que quer vê-lo.

ULISSES - Nome?

HAROLDO - Paroceu-me estrangeiro. Tenho aqui o seu cartão. (CAI-LHE UM CARTÃO DO BOLSO. JUNTA-O.) Não é este. Isto é apenas um número de telefone. De uma amiga de infância...

ULISSES - Isso é muito estranho: quer dizer que você tem amigas que possuem telefone...

HAROLDO (ENQUANTO PROCURA) - Um número sem a menor importância...

ULISSES - Deve ser.

HAROLDO (ENTREGANDO-LHE UM CARTÃO DE VISITAS) - É este.

ULISSES (EXAMINANDO-O) - E por que você não usa a bandeja para trazer-me cartões? É tão mais simples, seguro e prático. (RASGANDO O CARTÃO) - Ora, é apenas o emissário de uma seita religiosa a que dou apoio financeiro. Como se eu não tivesse nada mais a fazer que receber emissários de religiões dissidentes! Você não deveria ter permitido a entrada desse homem. Deveria ter inventado uma história. Qualquer desculpa que me poupasse o incômodo dessa visita.

HAROLDO - O senhor ainda não me preveniu a respeito das manhãs de sábado.

ULISSES - Não me venha com desculpas e fique sabendo (anote para não esquecer): Ulisses de Lamarr não recebe de manhã. Nem nos sábados nem em qualquer outro dia da semana. Não recebo nem bispos, nem militares graduados, nem o rei desta república, nem sequer o próprio papa! Ulisses de Lamarr não existe pela manhã.

HAROLDO - Digo então ao homem que o senhor não está ou que não existe pela manhã?

ULISSES - Está perdendo a razão? Quer que me tomem por vampiro? Não torne as coisas mais difíceis ainda. O mal já está feito. Você agiu errado. Para não piorar a situação, vá buscar o homem duma vez.



HAROLDO - Sim senhor. (VOLTA-SE PARA SAIR)

Q.C.-4

ULISSES - Esperê. Traga-me também alguns vidros a mais. Bos- que... a minha lente é os espécimes que chegaram ontem da Á- frica. (HAROLDO SAI. O TELEFONE TOCA) - E quem mais poderia ser? O que espera para falar? (PC) Não, se fôr muito demo- rado, não. (PC) - Estou esperando... (PC) - O que ? Tem de procurar no jornal? (ENTRA O EMISSÁRIO SEGUIDO DE HAROLDO) - Ligue mais tarde, Bonorino. (DESLIGA. PARA O EMISSÁRIO) / Eis uma surpresa realmente surpreendente! O senhor por aqui a esta hora.

EMISSÁRIO - Espero não perturbar o seu trabalho...

ULISSES - Absolutamente.

EMISSÁRIO - Sinto-me tão aliviado. Pensei comigo mesmo; não estarei sendo impertinente intrometendo-me nesta casa tão cê- do pela manhã?

ULISSES - Vamos ao que interessa: qual é a quantia desta vez?

EMISSÁRIO - Não é a necessidade de dinheiro o que me traz. Não desta vez.

ULISSES - O que então? Há algo errado? Complicações com a po- lícia, infração de lei?

EMISSÁRIO - Nada disso. Fique descansado. Temos um advogado de renome na seita. Temos também um juiz de direito. Aposen- tado, claro. Mas mesmo assim, juiz...

ULISSES (CORTA) - Vamos, vamos. Não tenho muito tempo.

EMISSÁRIO - Sua palavra é ordem. O fato é que o Sol está en- trando no signo de Virgo e, assim sendo...

ULISSES (CORTA) - E que tenho eu a ver com a entrada do Sol neste ou naquele signo? Não vejo em que possa servir a seita...

EMISSÁRIO - Mas o senhor esqueceu? Como pode? Bem... Claro, Com tantas preocupações a darem voltas na cabeça, com tantos...

ULISSES - Abandone essa arenga. Quero os fatos concretos.

EMISSÁRIO - É que o Sol entrando no signo de Virgo... Bem, es- ta é a melhor época para executar os ritos da fertilidade. Já escolhemos os rapazes. São fortes e bem dispostos. Temos tam- bém duas moças. Elas pertencem à melhor sociedade. A nata da nata. Mas falta ainda uma terceira. Como sabe, são três os / pares de que precisamos.

ULISSES - Sim, sim. E para quando querem a terceira vítima?

EMISSÁRIO - Para o próximo sabat. (HAROLDO ENTRA SEM SER PER- CEBIDO E POE-SE À ESCUTA POR TRÁS DO BIOMBO)

ULISSES (FINGINDO NÃO TER VISTO HAROLDO) - HOJE, portanto?

EMISSÁRIO - Não, hoje não teromos sessão. O sacerdote-mor es- tá acamado. Será no próximo sábado, à hora de sempre e no lo- cal de costume. Seria uma honra poder cpntar com sua presença.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ULISSES - Não posso dar certeza. De qualquer maneira, vou encaminhar a vítima.

EMISSÁRIO - A confraria vai ficar-lhe eternamente agradecida.

ULISSES - Trouxe a dose que pedi, Haroldo?

EMISSÁRIO - Santa Terra! Havia alguém nos escutando?

HAROLDO (SAÍNDO DE TRÁS DO BIOMBO E MUITO POUCO À VONTADE) - Sim, aqui a tem.

ULISSES - Como vê, senhor emissário, os espiões andam à solta. Cantos escuros, porões, sótãos andam repletos desses tipos.

HAROLDO - Desculpem, eu não queria perturbar...

ULISSES (CORTA) - E para me servir entrou na ponta dos pés e escondeu-se por trás do biombo? (PARA O EMISSÁRIO) - Aceita um pouquinho? Esta veio diretamente da ilha de Formosa. É de superior qualidade. Quimicamente pura. (NOTANDO QUE HAROLDO AINDA ESTÁ NA SALA) - Você ainda por aqui? Já foi à estufa? Trouxe os vidros que pedi? Buscou a lente e as pinças?

HAROLDO - (SAINDO) Trago tudo em seguida.

ULISSES (PARA O EMISSÁRIO) Mau empregado; e o que é pior: mau espião.

EMISSÁRIO - O senhor deve ter mais cuidado, deve saber com quem...

ULISSES (CORTA) - E agora, se nada mais temos a tratar...

EMISSÁRIO - Contamos com a sua vinda para a cerimônia...

ULISSES - Farei o possível, farei o possível. (SAI O EMISSÁRIO) - Não faltava mais nada. Como se não bastassem os rios de dinheiro que tenho doado à seita, ainda querem que eu compareça aos Sabats. (TELEFONE TOCA) - Eu mesmo. ..Não, não posso. Telefone mais tarde, Bonorino. (DESENGA)

HAROLDO - (ENTRA COM UMA SÉRIE DE CAIXAS DE VIDRO, UMA LENTE E PINÇAS) - Pronto. Aqui estão seus animais.

ULISSES - Tudo em ordem na estufa?

HAROLDO - Sim. Pelo que vejo o senhor tem uma preferência especial por esses insetos, não tem?

ULISSES - Cada um tem seus animais de estimação. Uns têm cães, outros mulheres ou cavalos. Eu tenho êstes. E não os chame de insetos. Fique sabendo que uma picada apenas, na cabeça ou perto do coração, pode matar um homem adulto. Um miligrama de seu veneno tem ação mortífera. Você, por acaso, tem uma glândula com tal força?

HAROLDO - Claro que não.

ULISSES - Você pode matar em poucos minutos uma camelo e quatro homens? Pode, com uma simples picada, pode, pode? Vamos, fale.

HAROLDO - Nunca matei ninguém.



ULISSES - Então, não os chame de insetos. Criaturas assim, com tal força destruidora, aproximam-se de Deus. Se não quiser chamá-los de escorpiões, muito bem. Chame-os então de Netos de Satanás. Netos de Satanás.

OLÍVIA (ENTRA DA ESQUERDA, ELEGANTE, DE NEGRO, ÓCULOS ESCUROS; UM IMENSO CHAPÉU À GARBO OCULTA-LHE QUASE TODO O ROSTO. TRAZ UM JORNAL NAS MÃOS) - HEI de fazê-la engulir este artigo, hei de provocar-lhe uma intoxicação de papel!

HAROLDO (SAINDO) - Com licença.

ULISSES - Olívia! Pensei que já tivesse saído.

Olívia - E com que ânimo espera você que eu enfrente estes músicos depois do que esta víbora escreveu contra mim?

ULISSES - Você está nervosa, minha filha. Afinal, o que foi que aconteceu? Por que tanto alarido tão cedo, de manhã?

OLÍVIA - Leia. Leia você mesmo e depois me diga se esta cronista não merece um tiro entre os olhos?!

ULISSES - Olívia, querida, modere sua linguagem. Uma cantora, no início da carreira, deve medir as palavras. Deixe-me ver este jornal.

OLÍVIA -(PASSA-LHE O JORNAL) - Mas eu sei, sei de tudo. Conheço a razão dêsse veneno. Sei porque ela me odeia, porque não me perdoa!

ULISSES (DESVIANDO OS OLHOS DO JORNAL) - Olívia, tome um calmante. Sirva-se. (OFERECE A CAIXA. ELA ASPIRA O DÓ) Relaxé êsses nervos. Você sabe que nós nunca perdemos.

OLÍVIA (SEM DAR-LHE ATENÇÃO) - Argenta Amaro não desculpa o sucesso de ninguém. E sabe porque, sabe?

ULISSES - Você amarrotou o jornal todo.

OLÍVIA - Argenta também queria ser cantora. E nunca conseguiu sequer cantar em côro de igreja. Esta é a razão.

ULISSES - Realmente a nota não é muito elogiosa.

OLÍVIA- Nunca conseguiu cantar nem no mais barato cabaré. Bastava ela abrir a boca para que o salão esvaziasse.

ULISSES - A crítica não chega a ser encorajadora.

OLÍVIA - Está vendo? Está vendo? Como posso ir ao ensaio, como posso aparecer frente às câmeras, como posso responder às cartas dos fãs, se é que ainda recebo uma linha depois dêsse ataque!

ULISSES - Temos de providenciar. O que é que você sugere?

OLÍVIA - Não tenho cabeça para pensar. Só sei de uma coisa: Argenta Amaro tem de receber uma lição.

ULISSES - Tome outra dose. (PASSA-LHE A CAIXA) -Agora vá descansada ao ensaio. Hei de encontrar uma solução. Posso telefonar para a redação do jornal e ameaçar toda a publicidade. Você sabe que a propaganda é o alimento dêsses jornaizinhos.



Posso exigir que demitam essa mulher.

OLÍVIA - Seria pouco para ela. Tem que ser algo mais drástico, mais definitivo...

ULISSES - Agora vá, Olívia. Não se perturbe mais que isso faz mal à voz.

OLÍVIA - Você não vem comigo?

ULISSES - Não me diga que precisa de mim no ensaio.

OLÍVIA - Não estou indo para o ensaio, papai...

ULISSES - Escute: ponha uma pedra em cima deste assunto. Você não faltará ao ensaio só porque Argenta Amaro atacou você. Onde está a sua fibra, sua fôrça, sua confiança em si? Você não pode deixar-se abater ~~assim~~ por tão pouco.

OLÍVIA - Mas do que está falando você? O ensaio é às sete da tarde.

HAROLDO (À PORTA) -Com licença, faltam apenas vinte e cinco minutos.

ULISSES - Saia, Haroldo. Não pedi as horas a ninguém.

OLÍVIA - Agora é que reparo: Não vá me dizer que está nu debaixo desse roupão!

ULISSES -Claro que não. Por que?

Olívia - O senhor não vai ao casamento de Felícia?

ULISSES (RINDO EXTREMAMENTE DIVERTIDO COM O ESPANTO DE OLÍVIA) -Claro que não, claro que não. Você sabe que este tipo de cerimônia entendia até a alma! E no caso de sua irmã, o casamento não leva a nada. É a quarta ou quinta vez que ela casa, não é?

OLÍVIA - Não exagere, papai. É a terceira, apenas. (AFASTA UMA DAS CAIXAS E SENTA SOBRE A ESCRIVANINHA. ACENDE UM CIGARRO) -Por que deixa esses bichos soltos por aí? Um dia ainda picam alguém.

ULISSES - O que não seria tão mau assim, não é, Olívia? / Principalmente se a vítima fôsse Argenta Amaro, não?

OLÍVIA - Seria uma morte rápida demais. Gostaria que fôsse algo mais lento, mais dóido...

ULISSES - É que você nada sabe a respeito dos emus escorpiões.

OLÍVIA - Quero mais um pouco. (ELE LHE DÁ A CAIXA)

ULISSES - Mais calma agora?

OLÍVIA - Com os nervos refeitos. (CALÇANDO UMA LUVA) - Quer dizer que você não vai mesmo? Que dirão o noivo e a família se você não aparecer?

ULISSES (VOLTA A EXAMINAR SEUS ESCORPIÕES) -Ora, dê uma desculpa qualquer. Diga que tive que viajar a negócios. Fale nos escorpiões, qualquer coisa serve.

OLÍVIA -Só que ninguém vai acreditar. A desculpa é muito pobre.



ULISSES - Pois que não acreditem. Não posso perder meu tempo com mais futilidades. Depois, tudo já está arranjado; o casamento é em comunhão de bens; o plano já está traçado e não há erro possível. Tudo foi muito bem calculado e Felícia tem uma vasta experiência no assunto.

OLÍVIA - E as aparências onde ficam? Quem vai conduzir Felícia ao altar?

ULISSES -Aparências são aparências. Não passam disso. Quanto a levar tua irmã ao altar, não há de faltar alguém para conduzi-la. (REFERINDO-SE A UM ESCORPIÃO) -Este tem que ser ordenhado ainda hoje. Olha, Olívia, como a glândula está inchada. Vai nos render quase três miligramas de veneno. Por falar nisso, Argenta vai estar no casamento?

OLÍVIA (SALTA DA ESCRIVANINHA) -Por que tocou nesse nome? Já estava me esquecendo.

ULISSES -Vai estar ou não?

OLÍVIA -Felícia mandou-lhe um convite. Ninguém imagina que fôsse me atacar como me tocou. Papai, temos de dar um jeito nela!

ULISSES -E você pensa que não estive pensando numa maneira de eliminá-la? Digamos que você a convidasse para uma reunião aqui em casa, por exemplo, no próximo sábado. Durante a festa, acidentalmente, é claro, ela poderia morrer picada por um de meus escorpiões africanos. Que acha da idéia?

OLÍVIA (ABRAÇA-SE EM ULISSES, FELIZ) -Não poderia ser melhor. (AFASTA-SE) -Mas não conte comigo para fazer o convite. Não posso vê-la, quanto mais, falar com ela.

ULISSES -Seja razoável. Procuro ajudar e você não colabora.

OLÍVIA -Não posso falar com Argenta. Está acima de minhas forças!

ULISSES -Pois muito bem. Vá agora para não chegar muito atrasada. Vá uma vez, vá, vá. Deixe Argenta por minha conta. Vou achar uma maneira de fazê-la parar de escrever. Para sempre.

OLÍVIA - Era o que eu queria ouvir. Um beijo, paizinho. (BEIJAM-SE) -Invento uma história para justificar sua ausência no casamento. Depois, vou ao ensaio. Não sei se volto hoje! (AO SAIR CHOCE-SE COM HAROLDO; BEIJA-O LONGAMENTE)

HAROLDO (APÓS DESENVENCILHAR-SE) -Faltam apenas quinze minutos.

OLÍVIA - Obrigada pelo aviso, Haroldo! (SAIZ)

ULISSES - HAROLDO, deixe-me dizer-lhe uma coisa : a primeira vez que você beijar ^{uma} ~~uma~~ de minhas filhas de novo, que eu veja, considere-se demitido. E mais do que isso, perseguido e quem sabe até...

HAROLDO - Mas foi ela quem me beijou!

ULISSES - Isso não significa absolutamente nada, coisa nenhuma. Você se deixou beijar e ...

HAROLDO - Não pude evitar.

ULISSES - ... e retribuí!

HAROLDO - Está quase na hora. Faltam apenas dois minutos.

ULISSES - Ao demônio com seus minutos! Você já providenciou o café da manhã para o vagabundo que recolhemos ontem?

HAROLDO - Foi a primeira coisa que eu fiz ao levantar. Ele está muito debilitado. Falou que não come há vários dias.

ULISSES (EXAMINANDO OS ESCORPIDES) - Vejamos, qual destes serviria melhor para o caso?

HAROLDO - Pela maneira como devorou o pão, parece que sofre de uma fome ancestral.

ULISSES (SEM DAR MUITA IMPORTÂNCIA) - Todos sofrem de uma fome antiga. Não só o nosso.

HAROLDO - Falou também que gostaria de ficar. O homem entende de jardinagem.

ULISSES - Não preciso dos serviços de ninguém. Temos já um bom jardineiro que é de minha inteira confiança.

HAROLDO - Seria uma caridade empregar o homem.

ULISSES - Que quer dizer com isso? Pensa que mandei recolher o vagabundo por uma simples questão de caridade? Não seja ingênuo. (EXAMINA UM ESCORPIÃO) - Este serve. Ótimo. Assim, de um só golpe resolvemos dois problemas: aliviemos o escorpião e o homem deixa de sofrer. Que mais pode ele de ejar? Vamos pôr fim a sua fome ancestral, como você diz, pomos termo as suas noites ao relento e à incerteza que cada novo dia lhe traz.

(SAINDO COM O ESCORPIÃO) - Enquanto faço adernadeira visita ao infeliz, ligue para este número. Peça para falar com o senhor Bonorino. Diga que venha me ver ainda hoje. É urgente.

(SAI CANTANDO) - Qual o sentido do sofrimento?

- Qual o sentido da fome ancestral?

Se com uma dose deste veneno

Põe a tudo um ponto final...

HAROLDO (CANTANDO) - Este homem é um libertino!

Este homem é um canalha!

Com a mão esquerda ele dá esmola

E com a direita, ele apunhala.

Dono de plantações de pinho

Industrializa a celulose.

Uma cadeia de super-mercados,

Uma frota de táxis,

A maior quota de ações

De um imenso complexo bancário Q.C. 10
Encobrem a mais negra lista
De crimes, roubos e mortes,
Chantagem política,
Assassinatos,
O mais terrível lenocínio
- Tudo apoiado em colunas de dinheiro!
De todos os crimes Ulisses é autor.
Não há pecado ou deboche
Que não tenha experimentado.
Com um sorriso engana todo o mundo
E com simples gesto de mão
E os olhos lacrimejantes êle destrói
A mais firme reputação!
Mas já começa a ressoar
Sua hora derradeira.
A conspiração começa a se esboçar
E a sorte nos ajudar
Muito breve Ulisses de Lamarr
Deixará de contaminar
Este ar que respiramos!



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(VAI DIRETO AO TELEFONE E DISCA) - Alô? É da redação do diário popular? (PA ULISSES ENTRA E OBSERVA TUDO POR TRÁS DO BIOMBO)
- Alô, Argenta? Ele está na casa do jardim fazendo um de seus serviços preferidos. Avise ao grupo que tudo está saindo como planejamos. (P C) -Não, ainda não pude usar o gravador. É muito perigoso. Mas já tenho algumas provas. Preciso de umas duas semanas mais. E o caso do incêndio como vai indo?(PC)
- Tenho certeza que podemos enviá-lo à prisão. Quem sabe até a força. (DESLIGA. SENTA E ACENDE UM CIGARRO. ULISSES SE RETIRA EM SILENCIO)

LUZES APAGAM

.....

CENA 2

A TARDE DO MESMO DIA.

ULISSES (ENTRA DA ESQ UERDA SEGUIDO DE BONOTINO. FALA AGALORADAMENTE) - Enfim, após fazer-me esperar um dia inteiro, eis que você me chega. Haroldo não falou que eu tinha urgência em vê-lo aqui? Você não tem mais a presteza nem a agilidade dos primeiros tempos. Está ficando esclerosado!

BONORINO - Foi muito difícil localizar todos os elementos da equipe. E eu não queria vir sem trazer notícias sobre o assalto dos bancos.

ULISSES - E então? Conseguiu encontrar alguma pista? Alguma coisa que nos leve aos assaltantes?

BONORINO - Nada.

ULISSES - Nada? E você tem coragem de me fazer esperar tanto tempo apenas para dizer que ainda não saiu da estufa zero?

BONORINO - Mas o senhor sabe que não foi por isso que vim.

ULISSES - Isso não interessa. Se pago a você, quero eficiência. Eficiência, entendeu? Pensa que me abala um assalto a um pequeno banco? O que eu quero é o nome dos ladrões!

BONORINO - O senhor os terá!

ULISSES - Se tiver que esperar por seu trabalho, vou envelhecer esperando. Você tem 48 horas para me trazer os nomes.

BONORINO - Farei o possível, mas não posso garantir.

ULISSES - O problema é seu.

BONORINO - Acalme-se, não se exalte. Tenho outras informações muito úteis.

ULISSES - (SERVINDO-SE DO PÓ) - Vejamos. E espero, para seu próprio bem, que essas informações tenham algum valor.

BONORINO - Escute: descobri que Argenta Amaro, a cronista que atacou Olívia, descobri que essa mulher recebe ordens de um superior. Descobri que há um grupo interessado em minar as suas atividades.

ULISSES - (FECHANDO A CAIXA COM UM " CLIC ") - Um grupo?

BONORINO - Sim, um grupo. Com ramificações por toda a cidade, todo o estado, todo o país, pelo próprio continente e mesmo...

BONORINO - Então era esta a grande nova? A grande descoberta?

Pois fique sabendo que eu já sabia de tudo. Já estava desconfiando sem ter tirado o pé de dentro de ^{sta} casa. Aqui mesmo, nesta sala, hoje pela manhã, tive a prova. E agora mais do que nunca, preciso dos nomes dos assaltantes de banco. Querem me atacar com minhas próprias armas! Querem usar o meu dinheiro contra mim!

BONORINO - É isso. Com seu dinheiro e atacam.

ULISSES - Pois que o usem, se quiserem. Para facilitar os assaltos, vamos retirar em seguida toda a vigilância policial.

BONORINO - (ESTUPEFATO) - Com isso haverá mais assaltos!

ULISSES - É justamente o que queremos: que haja mais assaltos. Quantos homens você tem na equipe?

BONORINO - Eram trinta ao todo. Um morreu e dois desistiram.

ULISSES - É o que basta. Vamos empregá-los como funcionários em todas as minhas agências. Vou traçar o plano esta madrugada. Amanhã você terá as ordens finais. Ah, antes que me esqueça: onde estão os dois homens que se retiraram do grupo? Continuam na cidade?

BONORINO - Sim. Um casou e o outro pretende emigrar do país.

ULISSES - ELIMINE-OS. O quanto antes. O seu silêncio é muito importante. Agora pode ir. Um momento, Bonorino.

BONORINO (VOLTA-SE) Mais alguma coisa?

ULISSES - Sim, menos trabalhosa. Preciso de uma jovem para o sábado que vem.

BONORINO - Seria um rapto?

ULISSES - Quem sabe? mas só em último caso. Preciso encaminhá-la para um rito de fertilidade de uma seita imbecil. E ~~me~~ ~~ela~~ faça você mesmo o contato e ofereça dinheiro. Uma boa quantidade é sempre uma tentação.

BONORINO - Até quanto pode ser a oferta?

ULISSES - Isso você resolve sozinho. O ideal sera que Argenta Amaro tivesse uma filha...

BONORINO - Ela é solteira. Este é outro detalhe que descobri.

ULISSES - ...ou uma irmã mais moça.

BONORINO - Parece que tem duas. Uma já é casada-

ULISSES - Parece , parece! Não me interessam suposições. Quero certeza. Informe-se e comunique o que descobrir. Agora, saia.

BONORINO - Telefone amanhã, (VAI PARA A DIREITA)

ULISSES (APANHANDO-O PELO COLARINHO) - Não senhor, por quê, não! Saia por onde entrou: pela porta dos fundos. É melhor que Haroldo não o veja. Comunique-se comigo assim que tiver algo a me dizer. Não faça ligações inúteis. Não leve muito tempo e trate de aparecer pessoalmente. (BONORINO SAI) - Então, sr. Haroldo, confirma-se a minha suspeita. Meu erro foi telefonar para Argenta Amaro. Que ingenuidade a sua procurar emprego em minha própria casa! Ah! os perigos a que a bondade e o altruísmo expõem o homem! Ah, os horrores porque passam os pobres heróis da humanidade! os perigos, os percalços, o terror, o pânico e a desgraça que os perseguem!

HAROLDO (VINDO DA DIREITA) - Tudo terminado, senhor.

ULISSES - Já desligou o incinerador?

HAROLDO - O senhor disse que logo que o corpo desaparecesse o incinerador devia ser desligado. Desliguei.

ULISSES - Poderemos ligá-lo novamente na semana que vem. E arranje-me outro vagabundo, assim que puder. Preciso aliviar ~~os~~ meus escorpiões.

HAROLDO - Se não acharmos outro mendigo, vamos ter que usar um dos prisioneiros do porão.

ULISSES - Verdade, não havia me lembrado. Você às vezes tem bastante presença de espírito. Sirva-se. (OFERECE A CAIXA ABERTA)

HAROLDO (RECUSA COM UM GESTO) - Obrigado. Não costumo...

ULISSES - Eis aí uma coisa que não desculpo: a grosseria da recusa. E como poderei confiar em meu secretário se ele não participa de meus gostos? Vamos, experimente. Sei que não vai se arrepender.

HAROLDO (EXAMINANDO O PÔ) - O que é isso?

ULISSES - O que é isso ? Nada de mais, nada de mais. Apenas sonho e magia. (HAROLDO ASPIRA PROFUNDAMENTE) - Agora busque a champanhe. Traga duas taças. Vamos comemorar o casamento de Felícia. (HAROLDO SAI. A MÚSICA INICIA E ULISSES CANTA)

- Para ter o inimigo na mão,

É preciso sorrir,

É preciso brincar.

Para ter o inimigo na mão,

É preciso beber,

É preciso brindar.

É preciso sorrir

Ocultando a raiva,

É preciso brincar

Não mostrando o punhal,

É preciso beber

Brindando a sua morte,

É preciso brindar

Desejando-lhe má sorte!

Para subjugar o inimigo

É preciso ser ágil

E evitar o perigo.

Para derrotar o inimigo

É preciso ser falso

E ter muito cinismo.

É preciso ser ágil

Mais do que uma bala,

Evitando o perigo

Fingir ser inocente,

É preciso ser falso

Mais do que a falsidade

Mais que a falsidade

E com muito cinismo

Liquidar seu heroísmo!



- Para destruir o inimigo

É preciso ser duro

É preciso lutar.

Para destruir o inimigo

É preciso ser forte

E ter muito dinheiro.

É preciso ser duro

Mostrando que é bonzinha,

É preciso lutar

Usando a traição,

E preciso ser forte

Fingindo fraquejar

E de um só golpe

Cortar-lhe a jugular! (SAI PELA ESQUERDA)

HAROLDO (ENTRA DA DIREITA COM O CHAMPANHE E DUAS TAÇAS. CANTA)

- Para ter o inimigo na mão

É preciso sorrir,

É preciso brincar.

Para ter o inimigo na mão

É preciso beber

É preciso brindar.

É preciso sorrir ocultando a raiva

É preciso brincar

Não mostrando o punhal,

É preciso beber

Brindando a sua morte,

Desejando-lhe má sorte!

ULISSES (VEM DA ESQUERDA COM UM PEQUENO EMBRULHO NAS MÃOS)

-Agora descobro que meu secretário, entre outras coisas, tem uma bela voz.

HAROLDO (MUITO EMBARAÇADO) -Desculpe. Não sabia que o senhor andava por perto.

ULISSES : Não se impressione nem se canhe. Não cheguei a entender o sentido da canção.

HAROLDO - O champanhe está gelado. É bom servir logo.

ULISSES - Espero que não tenha derramado muito ao abrir a garrafa.

HAROLDO (JÁ SENHOR DE SI) -Nenhuma gôta. Tenho prática.

ULISSES - É só o que exijo dos que trabalham para mim: eficiência e fidelidade acima de tudo. (IMPEDINDO HAROLDO DE SERVIR)

Não, não. Não deixe que eu sirvo.

HAROLDO - Nada disso. Não fica bem para o senhor...



ULISSES - Aproveite, rapaz, aproveite: isto não costuma acontecer todos os dias. Não é sempre que sirvo champanhe no meu gabinete a um empregado. (SINOS SOAM MUITO LONGE)

HAROLDO - Não são os sinos da catedral?

ULISSES - O som não me é estranho...

HAROLDO - Não seria a igreja do bairro ?

ULISSES - Não sei. Não consigo distinguir a diferença.

HAROLDO - São realmente os sinos da catedral. São bem mais potentes. Estão anunciando um casamento.

ULISSES - Verdade?

HAROLDO - Tenho certeza.

ULISSES - Realmente, são os sinos da catedral.

HAROLDO - Estão anunciando o casamento de alguém...

ULISSES - Tem certeza?

HAROLDO - O casamento de sua filha!

ULISSES - Quem diria...

HAROLDO (ERGUENDO A TAÇA) - A uma vida conjugal longa e feliz! Felicidade para Felícia!

ULISSES - (ERGUE A SUA) - Não percamos tempo brindando a felicidade de Felícia.

HAROLDO - O senhor não parece muito feliz.

ULISSES - Enganoseu, Haroldo. Se soubesse como me sinto satisfeito. Mas isso é outro assunto. Brindemos a nós mesmos.

HAROLDO - O senhor manda...
ULISSES - Deixe-me encher a sua taça de novo.

HAROLDO (ERGUENDO A TAÇA) - A sua saúde, ao seu sucesso!

ULISSES (ERGUE A SUA) - A sua, Haroldo. Você precisa de muita. Como todos nós, aliás. (BEBEM) - É agora a surpresa: isto é para você. (PASSA-LHE O EMBRULHO)

HAROLDO - Não vejo razão...

ULISSES - Digamos que é por sua eficiência ao lidar com o incinerador.

HAROLDO - Não fiz mais do que minha obrigação. Não posso aceitar.

ULISSES - É um presente. Abra-o. Isto é uma ordem.

HAROLDO - Sei que não posso. Não fica bem.

ULISSES - Vamos de uma vez.

HAROLDO - (ABRE O PACOTE) - Mas... é o mesmo pó branco, aquele que o senhor usou há pouco e me ofereceu...

ULISSES - Decepcionado?

HAROLDO - De maneira nenhuma. Eu...



ULISSES -Que esperava? Um anel? Um alfinete de brilhantes para gravata? Um par de abotoaduras de ouro? Isto tudo virá um dia, talvez. No momento, pareceu-me que você gostaria...(UMA PORTA BATE COM FORÇA) -Tem alguém chegando com muita pressa. Será Felícia?

HAROLDO -Não pode ser. Ela está casando agora.

ULISSES -Bem se vê que não a conhece.

HAROLDO -Vou ver... AO SAIR CHOCA-SE COM OLÍVIA)

OLÍVIA -Saia da minha frente! (HAROLDO SAI PELA DIREITA)

ULISSES (BEBENDO) -Já de volta? Não vá me dizer que não foi ao casamento.

OLÍVIA (LANÇANDO UM JORNAL SOBRE A ESCRIVANINHA) -Leia e veja com seus próprios olhos! Talvez isso sacuda seus nervos!

ULISSES -Um pouco de calma, sim?

OLÍVIA -É só o que tem para me dizer? Só isso? Leia e depois mediga se posso ter calma!

ULISSES - Não se deixe abater. Você está transtornada e isso faz mal.

OLÍVIA -Não percebe que perdi o contrato?

ULISSES - O quê ?

OLÍVIA -O contrato, não entende? Rescindido, cancelado!

ULISSES - O que foi que você disse? O que foi que terminou de dizer?

OLÍVIA -Voltei a ser nada. Uma desconhecida como todo o mundo! Um zero!

ULISSES -Ora, você está delirando!

OLÍVIA -Quem me dera! Quando cheguei ao estúdio, lá estava o diretor, E, com o mais belo sorriso da terra, me passou o cartão azul! Falou que depois da nota publicada por Argenta não havia mais razão para fazer de mim uma cantora. Não havia sentido em lançar um disco meu, não havia sentido em arriscar! Argenta Amaro venceu. E venceu lindamente!

ULISSES - Não posso acreditar.

OLÍVIA -Não acredite. Mas eu estou de férias. Definitivamente. Aposentada! É tudo por sua causa. Porque você demorou a agir. Porque não tem nervos e deixou esta mulher viva! Agora, fique sabendo, Ulisses: hoje deixo esta casa. Só me resta fazer as malas e zerpar!

ULISSES - Você vai se eu quiser, se eu permitir, se eu lhe der o dinheiro.

OLÍVIA- Vou a pé, se preciso fôr. (VAI PARA A ESQUERDA)

ULISSES (PEGANDO_A PELO BRAÇO, CONDUZ-A DE VOLTA. FÁ-LA SENTAR)- Ninguém sai desta casa. Só morta, carregada, você consgue sair.



OLÍVIA - Isto é uma ameaça?

ULISSES - Não. É uma promessa, sua tóla. Porque pensa que fui quei dizendo que você era minha filha? Por que a protejo? Pensa que é por um simples e ridículo sentimento paternal? Não seja infantil e nem se iluda. Escolhi você e Felícia porque descobri, vislumbrei nas duas aquela flama, aquele fogo comum, aquela mesma flama que se alimenta no crime, que se nutre da credulidade alheia para construir a felicidade. Como foi que, em cinco anos de convivência diária, você não conseguiu entender que você, Felícia e eu somos vinho da mesma pipa? Quando vai fazer trabalhar esta linda cabecinha? Não há mais sombra de inteligência nê-se crâneo?

OLÍVIA - É que você nunca exigiu nada de mim...

ULISSES - Minha querida criança, tome um pouco disto. (OFERECE-LHE A CAIXA) - E relaxe ês-es nervos.

OLÍVIA - Quer dizer que não foi por acaso que me convidou para morar aqui? Também não foi por simpatia?

ULISSES (RI DIVERTIDO) - O que seria de você longe de mim, Olívia? Você estaria perdida, irremediavelmente perdida! Como uma débil bôlha de sabão flutuando no ar. Arreventaria em tôda sua fragilidade. Em breve estaria amando, em breve estaria apaixonada e logo depois, destruída! Aqui você está segura. Perto de mim não há perigo. Você está salva. Quanto a ter escolhido você por simpatia, esqueça-se disto. Nunca me deixei levar por emoções. São fáceis demais. (VENDO QUE OLÍVIA TOMOU O PÔ) - Mais calma agora?

OLÍVIA - Sou puta. Dá-me um pouco de bebida.

ULISSES (DÁ-LHE A TAÇA DEIXADA POR HAROLDO) - Tome. E, agora, com uma simples ligação vamos pôr a funcionar a engrenagem. Em quinze dias, talvez menos, você estará lançando o seu disco. (DISCA UM NÚMERO) - Bonotino? - Ulisses. Apareça aqui em casa dentro de uma hora. (PC) - Não pode ser pelo telefone. (PC) Encarregue outro do serviço, ora. Só isso. E traga-me também todos os dados que já tiver reunido. (DESLIGA) - agora, Olívia, você vai conhecer o plano que estou traçando e, depois, não me diga mais que eu não tenho nervos. Eu também sou humano.

LUZES APAGAM

CENA 3

ULISSES - Você viu, Bonotino, como a minha filha está desfeita? Arrasada pelo que sofreu, Isso não o comove?

BONORINO - É de cortar o coração.



ULISSES - Evocê sabe porque, não sabe?

BONORINO - Argenta Amaro.

ULISSES - Que faz parte do grupo interessado em minha destruição. Agora quero as informações a respeito dessa dama.

BONORINO - Não há ninguém por perto? (LEVANTA E ESPIA POR TRÁS DOS BIOMBOS) - Não estou para começar a falar e ter um gravador recolhendo tudo.

ULISSES - Sossegue, homem. Não há ninguém em casa a não ser eu. Olívia dorme o sono dos justos e você... O único estranho é você mesmo.

BONORINO - Mas que brincadeira é essa, Sr. Ulisses?

ULISSES - Não ria. É a pura verdade.

BONORINO - Não confio em Haroldo. Ele não me engana. Há quanto tempo trabalha aqui?

ULISSES - Isto não importa agora. De mais a mais, ele saiu. F. Foi ao teatro. Deve estar se divertindo por estas horas. Continue.

BONORINO - Essa Argenta Amaro tem duas irmãs

Isso eu já sabia. Não há novidade nenhuma no que me diz. Eu mesmo descobri a trama e todas suas implicações. Não é isso que me interessa.

BONORINO - Mas quero começar pelo princípio.

ULISSES - Continue sem dar muitas voltas. Basta de ninharias.

BONORINO - Argenta Amaro tem duas irmãs.

ULISSES - Três irmãs ao todo, ent'co. Nenhum homem na família? Algo assim como o único varão, aquele que vai continuar o nome da família, etc, etc e etc?

BONORINO - Três irmãs apenas. Os pais, mortos. Argenta tomou para si todas as responsabilidades da família. Uma das moças, a mais velha, já é casad. E prepare-se para o golpe...

ULISSES - Estou preparado.

BONORINO - A irmã de Argenta é casada com um dos gerentes de um banco seu!

ULISSES - O que foi que você disse? O que foi que terminou de dizer?

BONORINO - O cunhado de Argenta trabalha para o senhor.

ULISSES - O nome dêle, o nome dêle!

BONORINO - Constante Koseritz, 38 anos e ...

ULISSES - Chega. Conheço. Excelente funcionário.

BONORINO - Deixamos êle de fora, então?

ULISSES - Depende. Você acha que Argenta sofreria se o cunhado fôsse despedido ou morto numa emboscada?

BONORINO - De maneira nenhuma. Ela não se dá com essa irmã e nem com o cunhado. Odeiam-se. Questões de herança.



ULISSES -Então, não se toca nêle. Continue.

BONORINO -Resta o outra irmã. A caçula. Eugênia Amaro. Solteira, 17 anos. Estuda o dia inteiro numa escola para filhas de sociedade. Argenta faz o possível e o impossível para pagar a escola, que é caríssima. Sabe, é o tipo da escola que ensina a cozinhar, a bordar, cuidar da casa, tratar do marido e dos filhos, etiqueta e outras coisas mais... Sabe como é?

ULISSES -Feliccia e Olívia estudaram numa escola parecida...

BONORINO -Eugênia é como filha de Argenta. Moram juntas. Depois da menina formar-se, Argenta pretende enviá-la para a Suíça. Quer que ela continue a estudar na Europa.

ULISSES -Eugênia é a moça que precisamos. Você já conseguiu vê-la?

BONORINO -Não. Mas tenho fotografias aqui comigo.

ULISSES -Bom trabalho, Bonorino. (BONORINO PASSA-LHE AS FOTOS) -Parece-me que você começa a se reabilitar. (EXAMINA AS FOTOS) -É uma adolescente ainda. (DEVOLVE TUDO A BONORINO) -Segunda-feira você vai esperá-la à saída da escola. E vai falar com ela.

BONORINO -Com esta cara que Deus me deu? Ela nem vai se dignar me olhar.

ULISSES -Muito bem, vista-se com a mais requintada elegância. Você tem uma roupa boa?

BONORINO -Não sei.

ULISSES -Se não tiver, compre a melhor e a mais cara. Alugue um carro, vamos ver... um Jaguar. Sim, um Jaguar com estofamento de pele de tigre ou leopardo e... pronto. É o que basta. No próximo sábado Eugênia e tará sendo encaminhada para mais um rito de fertilidade. Enquanto a irmã é submetida à cerimônia, Argenta estará aqui, entre nós, festejando uma ninharia qualquer. Não é perfeito?

BONORINO -Que cérebro, que maquinação!

ULISSES - É uma pena que sua equipe não corresponda em presteza e velocidade. Como está o caso dos dois homens que saíram do grupo?

BONORINO - O solteiro, o que pretendia emigrar, está sendo eliminado justo neste momento. Mandeí dois rapazes esperar por ele na saída de casa. Um convite para beber, uma pouca de vida noturna, mulheres e no fim da noite, um tiro na nuca em uma estrada solitária.

ULISSES -Certo. É o casado?

BONORINO -Éase não tem perigo.

ULISSES - Que quer dizer com isso?

BONORINO -Conheço o homem.



ULISSES - Nunca se deve ter certeza.

BONORINO - Sei que êle não abre a bôca. Tem mulher e sabe o perigo que corre. Não arrisca a pele por nada dêste mindo.

ULISSES - E você pensa que eu desisto de pôr a mão nêle?

BONORINO - Ê que êle já casou. Tem um filho. Vive hoje prá família.

ULISSES - Mais uma razão para eliminá-lo.

BONORINO - Mas eu tenho certeza de que...

ULISSES - Fique com sua certeza para você. Eu a dispenso. Então nao sabia que êste tipo de homem é o que mais fácilmente abre a bôca? A noite, na cama, a mulher é sua confidente, ao almôço estão sempre conversando, confidenciando, trocando idéias, como meninas tagarelas. Aliás, o homem que casa, vira um pouco mulher. Um pouco, é claro. É a convivência. (CANTANDO) :

- O homem que casa vira mulher, amigo,

Um pouco mulher, amigo,

Mas vira!

O homem casado sofre mutação,

De homem que era vira senhora,

Um pouco senhora, amigo,

Mas vira!

Todo cuidado ainda é pouca

Quando se trata de um homem casado.

Não se pode confiar-lhe segredos,

Nem de açcova nem de estado!

O homem que casa vira mulher, amigo,

Um pouco mulher, amigo,

Mas vira!

O homem casado sofre mutação,

De homem que era, vira senhora,

Um pouco senhora, amigo,

Mas, vira!

Muito cuidado com o homem casado!

Ele é um perigo e uma ameaça.

Quando casado resolve falar,

Não há mais quem o possa fazê-lo calar!

-Compreende agora; Vê o perigo que êle representa para nós? Temos de silenciá-lo. E você vai resolver o assunto. Ponto final.

BONORINO (SUSPIRANDO) --Já que não há outra saída...

ULISSES -Muito bem. já é quase uma hora da manhã. Estamos combinados. Nêste fim de semana não quero mais vê-lo. Preciso descansar. Amanhã me telefone dizendo como vão as coisas. E trate de armar um esquema para liquidar êsse rapaz que casou.

BONORINO -Mais alguma coisa?



ULISSES -Acho que não. Ah, sim: não perca de vista o caso dos assaltos de banco. Pode ir. Saia pelos fundos. Você tem a chave. 21



BONORINO -(indo para a esquerda) -Passe um bom fim de semana.

ULISSES -Deixe-se de formalidades e suma! Não quero que Haroldo o encontre aqui. (BON SAI) -Enfim, sôzinho! Que descanso, que sossêgo, que silêncio! Esta paz merece um brinde! (ARRE A CAIXA E VAI ASPIRAR O PÓ QUANDO FELÍCIA IRROMPE SALA ADENTRO. VEM VESTIDA DE NOIVA. MANCHAS VERMELHAS SUJAM-LHE A SEDA DO PEITO)

FELÍCIA (LANÇANDO-SE EM SEUS BRAÇOS, BEIJA-LHE A BOCA) -Papai!

ULISSES -Felícia, minha filha!(DAQUI EM DIANTE, A CENA DEVE IR CRESCENDO EM ALEGRIA, ATÉ ATINGIR O DELÍRIO)

FELÍCIA - Tudo terminado, ponto final. Tudo voltou ao que era antes!

ULISSES -Mas, tão cedo? Pensei que tudo fôsse alcançar alta madrugada.

FELÍCIA -O senhor mesmo diz:"Nunca se deixa para amanhã o que se pode fazer hoje." Assim que chegamos ao hotel, (o senhor sabe que não podíamos viajar por causa dos negócios de Augusto), assim que trancamos a porta, ele se lançou sobre mim para me beijar. Deixei. E, enquanto me beijava, de entre as rosas do meu buquê, retirei o revólver de madre-pérola e...

ULISSES - Bang+bang!

FELÍCIA -Â queima-roupa! (RIEM OS DOIS)

ULISSES (PARA DE REPENTE) -Você não deixou as impressões digitais, deixou?

FELÍCIA -Não tivemos tempo de descalçar as luvas. Nem eu, nem ele! (RIEM AMBOS)

ULISSES -E eis minha filha aqui-milionária! (ABRAÇA-A)

FELÍCIA - Eu, aqui-milionária, papai? Nunca! Nós, nós, nós! (DESPRENDE-SE)

ULISSES - Vilania feito mulher! Iniquidade vestida de noiva!

FELÍCIA -Meu queridíssimo canalha! (RIEM AS GARGALHADAS, ENQUANTO O PANO FECHA)

HAROLDO - (ENTRA CANTAROLANDO "PARA TER O INIMIGO NA MÃO". Vai DIRETO DO TELEFONE . DISCA. AO VER QUE OLÍVIA ENTRA DA ESQUERDA, DESLIGA IMEDIATAMENTE)

OLÍVIA - Haroldo! Pensei que fôsse papai...

HAROLDO - Ele saiu. Foi fazer um contato com uma seita religiosa.

OLÍVIA - Papai é um excêntrico. Sai nas horas mais imprevisíveis. Onde já se viu sair a passear numa bela manhã de segunda-feira. E tão cedo...

HAROLDO - São os compromissos de um homem de negócios. É p' preço, senhorita.

OLÍVIA - Em primeiro lugar, papai está de férias; em segundo, não me chame de senhorita. Diga "você". É muito mais direto e menos formal.

HAROLDO - Prefiro usar "senhorita". Seu pai não quer intimidades e é preciso guardar as distâncias.

OLÍVIA - Outra capricho de Ulisses! Não seja ingênuo, Haroldo. As distâncias ficam para ser guardadas pelos velhos. Rapazes como você, jovens e cheios de vida, devem mandar as distâncias às favas. Mantê-las, só compromete.

HAROLDO - Com licença, devo avisar ao jardineiro que...

OLÍVIA (CORTANDO) - Ah, deixe o jardineiro no jardim. Ele conhece muito bem o seu ofício.

HAROLDO - De qualquer maneira tenho que ir à estufa. Tenho que regular a temperatura.

OLÍVIA (INTERCEPTA-LHE O CAMINHO) - Estou sem meu isqueiro. (HAROLDO ACENDE-LHE O CIGARRO) Obrigada. Deixe a estufa em paz!

HAROLDO - Os escorpiões precisam de calor.

OLÍVIA (SENTANDO NA ESCRIVANINHA) - Não se preocupe. Estive lá ainda há pouco. Tudo está em ordem. Pode ficar descansado e termine o seu telefonema.

HAROLDO (PROCURANDO DESCONVERSAR) - Era coisa sem importância! Posso telefonar mais tarde. Não há pressa nenhuma.

OLÍVIA - Você está muito pouco à vontade, Haroldo. Pois faça de conta que nem entrei. Não quero perturbar.

HAROLDO - Obrigado, mas não quero.

OLÍVIA - Era uma amiga que você estava chamando?

HAROLDO (MUITO POUCA À VONTADE) - Claro que não. Por que pensa isso?

OLÍVIA - Ora, não vá me dizer que você não tem amigas, conhecidas com quem sai de vez em quando. Anteontem, por exemplo, você foi ao teatro. Foi sozinho?

HAROLDO - Claro que fui... ora, mudemos de assunto!

OLÍVIA - Por que? Você queria telefonar ... desistiu quando entrei.

HAROLDO (CADA VEZ MENOS À VONTADE) - É que... sabe: derramei vinho branco na calça e ...

OLÍVIA - QUE horror! (DESCE DA ESCRIVANINHA E EXAMINA-LHE UMA DAS PERNAS) - Onde? Você deve tirar esta roupa. O vinho deixa manchas



OLÍVIA -... incríveis. Depois de entranhar no tecido não há milagre que retire a nódoa.

HAROLDO - A senhorita não me entendeu...

OLÍVIA - Olívia, apenas, por favor. O que há de tão difícil para se entender no caso dessa mancha? Você precisa tirar essa roupa. Não se envergonhe. Passe para trás do biombo que eu lhe empresto o meu robe. (FAZ MENÇÃO DE DESVESTÍ-LO)

HAROLDO - Não, não faça isto. Eu explico...

OLÍVIA - Realmente, não é de entender. Você vai acabar inutilizando esta roupa.

HAROLDO - Se você não fôsse tão afoita já teria...

OLÍVIA - @feiqauer dizer com isso? Afoita, eu? Estou apenas querendo ajudar. E você devia estar agradecido.

HAROLDO - A calça em que derramei vinho é outra. Já a mandei para a lavanderia. Estava tentando saber quando fica pronta. Só isso. Nada mais, só isso.

OLÍVIA -E por que não falou antes? Bem, pode telefonar, não é? O telefone está aí; é só discar.

HAROLDO - Acho que esqueci o número... É, esqueci mesmo. Não tenho jeito de lembrar. E agora, tenho que ir à estufa.

OLÍVIA - Nós temos um guia, Haroldo. Use-o. Nêle você encontra qualquer número.

HAROLDO - Não se preocupe. Não tem importância.

OLÍVIA -Mentira! Pensa que não sei que está querendo me enganar?

HAROLDO - Ora, Olívia, por que tudo isso?

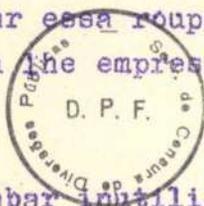
OLÍVIA - Sei perfeitamente que está inventando histórias. Você, simplesmente, não quer telefonar para a lavanderia. E isso quer dizer que a calça manchada é essa mesmo que você está usando. E que não vai tirá-la para me negar o prazer de limpá-la para você! Tudo isto porque você no fundo é um egoísta, ainda quer guardar as aparências, as devidas distâncias, como diz. As devidas distâncias no seu modo de ver as coisas, bem entendido.

HAROLDO - Pelo amor de Deus, não se exalte! Que não diria seu pai se nos ouvisse?

OLÍVIA - Ulisses sempre apoiou minhas fantasias, sempre aplaudiu os meus caprichos.

HAROLDO - Mas que escândalo por causa de um telefonema que eu nem cheguei a fazer!

OLÍVIA - Então você não percebe que enquanto você guarda as devidas distâncias vai distanciando cada vez mais a possibilidade de subir de posição? Que não melhora de cargo? Tudo isso por uma simples questão de confiança? Confiança, ouviu bem? Como você pode sonhar sequer em melhorar de nível e de salário se persiste em não conquistar a nossa confiança? A minha, principalmente?



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

HAROLDO - Estou muito bem, como estou. E não pretendo, ao menos por enquanto...

OLÍVIA -(CORTANDO) - O que é que não pretende? Você nem sabe de que estamos falando! Nem desconfia da oportunidade que está jogando no lixo! Por outro lado, é fácil de entender: afinal, você ignora as alturas a que chegou seu antecessor...

HAROLDO - Que antecessor?

OLÍVIA - O outro secretário de Ulisses.

HAROLDO - Mas havia outro?

OLÍVIA - E você pensava que era o primeiro? ou o único? Seu grande tólo! Que inocência! Havia outro, sim, antes de você. Era muito eficiente. Em todos os sentidos. Papai confiava nele. Cegamente. E eu também. Era belíssimo. Alto, forte, inteligente e de grandes olhos verdes devoradores!

HAROLDO - E onde está êsse tipo tão eficiente?

OLÍVIA - ELE ... morreu. É, mas não se spante. Teve um belíssimo funeral. Um funeral à altura de sua própria beleza. Senti muito a sua falta. Sofri durante meses a sua ausência. Vesti luto. Compreende agora? De nada adiantaria você ficar assim frio e distante. Abandone esta formalidade que não leva a nada. É claro que não pretendo me intrometer em sua vida, mas acho que, no seu próprio interesse, você deveria mudar de tática. E se digo, é porque sei. Simpatizo muito com você e conheço meu pai. Afinal, sou filha de Ulisses. (APANHA A CAIXA E ABRE-A) -Sirva-se.

HAROLDO : Seu pai me deu uma de presente. (SERVE-SE)

OLÍVIA (SERVINDO-SE TAMBÉM) - Sinal que êle gosta de você. (ASPIRAM CUIDADOSAMENTE O PÓ. FECHAM OS OLHOS) -Aliás, Ele me tem falado muito a seu respeito. Tem intenção de aumentar-lhe o salário. (ASPIRA NOVAMNETE) - Leve-me ao recamier, estou um pouco tonta... (ÊLE A CONDUZ . ELA DEITA. ELE SENTA-SE NO CHÃO) - Haroldo era um homem tão culto, tão liúdo....

HAROLDO - Não sou tão culto assim. Você é que pensa.

OLÍVIA - Tão forte... e que olhos! (ASPIRA DE NOVO)

HAROLDO - Pratiquei muito esporte na universidade...

OLÍVIA - Seus olhos verdes me hipnotizavam... Tinham um estranho poder sôbre mim...

HAROLDO - Você está se sentindo bem?

OLÍVIA - Por que?

HAROLDO - Porque eu tenho olhos castanhos...

OLÍVIA - Você tem olhos castanhos...? Nunca havia reparado...

HAROLDO - Você disse que eram verdes...

OLÍVIA - Ou azuis... Faz três anos... Haroldo era tão eficiente!

HAROLDO - Mas eu ainda estou aqui... Não morri.

OLÍVIA - Morreu, sim. Teve um belíssimo funeral.

HAROLDO - Quem?



OLÍVIA - Haroldo... O outro Haroldo, ai, estou sentindo uma coisa estranha... (SUSPIRA E GEME)

HAROLDO - O que foi que houve, Olívia? O que está acontecendo com você?

OLÍVIA - A dose foi enorme... violenta... sinto um frio no seio.

HAROLDO - Espere, não se mova, vou buscar uma bebida quente. (LEVANTA)

OLÍVIA (PEGA-O PELO PALETÓ) - Não me deixe só. (ELE VOLTA) - Que frio, que tremor...

HAROLDO - Você não pode ficar assim tiritando...

OLÍVIA - Sinto uma calota polar sobre o corpo querendo me congelar...

HAROLDO - Quem sabe um cobertor, uma manta de lã?

OLÍVIA - Veja a febre, veja a febre!

HAROLDO - Não temos termômetro aqui. Vou buscá-lo...

OLÍVIA - Não arrede o pé. Veja com a mão.

HAROLDO (PONDO A MÃO NA TESTA) - A testa está quente, mas não sei se é febre.

OLÍVIA - Veja meu pulso... Acho que está enfraquecendo...

HAROLDO (MUITO AGITADO, PEGA ANTE-BRAÇO) - Não consigo achá-lo. Vou chamar um médico.

OLÍVIA - Odeio os médicos! Me dê a mão... Assim. (DIRIGE-LHE OS DEDOS PARA O PULSO) - É aqui, Haroldo. Aqui...

HAROLDO - Agora estou sentindo. Acho que está bem. Não poderia estar melhor.

OLÍVIA - Para impressão. Estou morrendo. Sei que estou. Meus pés estão gelados, minhas pernas congeladas... Preciso de calor. Leve-me para o quarto. Papai pode chegar a qualquer momento e, lá, posso morrer mais à vontade... (ELE A ERGUE NOS BRAÇOS E SAI)

LUZES APAGAM

MESMO DIA, À TARDE. OUVI-SE O RISO DESENTREADO DE OLÍVIA. ACENDEM-SE AS LUZES.

OLÍVIA (ENTRA PELA DIREITA, SEGUIDA DE ULISSES) - Você não faz idéia, não pode imaginar, sequer! (AINDA RINDO)

ULISSES - Só espero que você tenha desempenhado bem seu papel.

OLÍVIA - E você ainda duvida? Ele estava tão emocionado, suspirava de tal maneira que eu tinha a impressão de ter ao meu lado um adolescente. Isto no que diz respeito à emoção, claro. Porque nunca pensei que debaixo daquela capa de indiferença houvesse um vulcão em atividade. Falou que há muito tempo estava querendo encontrar-me a sós. Desde que entrou em nossa casa, sua cabeça rodopiava por minha causa! Às vezes não dormia, tinha insônia, imagine você. Insônia! E tudo por minha causa! Enfim, Haroldo revelou-se por inteiro. Um cigarro, Ulisses.

ULISSES - Você sabe que eu não fumo.

OLÍVIA - QUE pena. Ah, quer encontrar-se comigo de novo.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ULISSES - Bom trabalho, Olívia. Só espero que você não permaneça com nenhuma inclinação especial para com Haroldo.

OLÍVIA - Ora, papai, depois de cinco anos de convivência com você já deu para aprender alguma coisa. Meu encontro com Haroldo foi apenas uma fantasia minha. Uma éxcentricidade. Nada mais.

ULISSES - Folgo em saber, Olívia, porque o amor só traz prejuízo. Tudo corre muito bem até que ele se intromete em nossa vida. É mais ou menos como uma grão de areia no mecanismo delicado de um relógio. O relógio pára ou deixa de dar a hora certa e para fazê-lo funcionar só extirpando o corpa estranho. (CANTANDO)

Olívia, folgo em saber, Olívia,
Que o amor já não te afeta.
Tal sentimento prejudica o bem estar,
Deixa que dêle se ocupe algum poeta!

A vida que levei me ensinou:
Nunca se deve amar a ninguém,
Amandã alguém nós deixamos de viver,
O amor divide em dois e nunca acaba bem.

Filha, aceita o exemplo que lhe dou:
Nunca sofri de amor, tão pouco de paixão,
E é preciso colocar sempre bem alto
Nossa razão acima do coração!

Olívia, folgo em saber, Olívia,
Que o amor já não te afeta.
Tal sentimento prejudica o bem estar
Deixa que dêle se ocupe algum poeta!

OLÍVIA (CANTANDO) - E claro que não tenho intenção
De me envolver no que chamam de amor,
É a sua mais simples manifestação
Escondo bem no fundo a coração.

Quero ser livre, bem livre a vida tôda,
Eu não pretendo me trançar numa prisão!
Quero ser livre e liberta bem viver
Livre dos tristes grilhões de uma paixão!

ULISSES E OLÍVIA - Nunca se deve sacrificar o tino,
Nunca se deve pôr de lado a razão,
Só se anda bem na róta do destino
Ignorando os anseios do coração!

OLÍVIA - E no que foi que deu sua visita ao sacerdote da sáita?

ULISSES - Ora, um sorriso e a promessa de boa soma em dinheiro são argumentos irresistíveis ao mais incorruptível dos homens. (PC)

- Está tudo arranjado. Será no próximo sábado e no lugar por nós escolhido. Como o espaço não é muito amplo, serão poucos os fiéis convidados. Satisfeita?

OLÍVIA - Ulisses, você é uma vocação terminada e completa para con-



ULISSES - agora tenho de ir a estufa ver meus escorpiões. Você vem contigo?

OLÍVIA - Claro que sim. E já vou escolher(ALARIDO À DIREITA. VOZES ACALORADAS)

SIBILA PINEL (ENTRA SEGUIDA DE HAROLDO E VEM TRAZENDO AS PRÓPRIAS MAIS) - Desde quando, Ulisses, eu não tenho o direito de entrar neste palacet?

ULISSES (PARA HAROLDO) Como permitiu a entrada desta desconhecida?

HAROLDO - Pedi identificação. Ela negou. Tentei impedir-lhe a entrada.

SIBILA - Pois aqui estou, Ulisses. (PARA HAROLDO) - E você, rapazinho, pode voltar ao seu trabalho. Não preciso mais de você.

OLÍVIA (PARA ULISSES) - Julga-se a dona da casa; dá ordens e dispensa os criados!

SIBILA (SENTANDO) Aprenda a falar antes de tentar seu discurso, minha filha.

HAROLDO - Quero que o senhor compreenda. Fiz o possível para ...

ULISSES - Basta! Vá tratar dos escorpiões. Devem estar com fome.

SIBILA (MORDAZ) -Escorpões... Quer dizer que estou no covil certo!

ULISSES (PARA HAROLDO) - vá de uma vez. (PARA SIBILA) - E agora, sem estranhos por perto, pode falar. Antes de mais nada, a quem tenho o prazer de receber?

SIBILA : ORA, Ulisses, deixe de encenação.

ULISSES - Não percebo o que quer dizer.

SIBILA (LEVANTA) - Sempre o mesmo trapaceiro, sempre o mesmo hipócrita; talvez isto lhe refresque a memória; faz hoje, exatamente 20 anos que eu traquei as bala de festim por outras de chumbo verdadeiro e liquidei, a seu pedido e mando, o primeiro ator do espetáculo em que era a estrêla. Foi o final de ato mais realista que qualquer platêia jamais assistiu. Ainda bem que estávamos em fim de temporada. E tudo isso porque êsse ator sabia de certos negócios muito pouco limpos que você encabeçava em Buenos Aires e prometera entregá-lo à polícia.

ULISSES - Sibila Pinel!

SIBILA - Em carne e osso.

OLÍVIA (INDO PARA ULISSES) -O que quer ela de nós?

ULISSES - Sim, o que quer desta vez, Sibila?

SIBILA - Desta vez? Nunca lhe pedi nada, deixe-me lembrar-lhe.

Você, sim, me deve aquêle favor. Conseguí se safar da prisão porque ru corri o risco, porque eu o ajudei. Concorda?

ULISSES - Sei que veio com alguma intenção. Se eu não conhecesse você, poderia pensar que fôsse a saudade, a vontade de me rever. Mas eu a conheço, Sibila. Que quer de mim?

SIBILA - Um momento. Temos estranhos por perto(REFERINDO-SE A OLÍVIA) - Não acha melhor dispensar estas crianças?

ULISSES - É minha filha. Confio nela.



SIBILA (VAI ATÉ ALÍVIA, ERGUE-LHE O ROSTO E A EXAMINA) - Sua filha, bah! Pensa que me engana? Você nunca permitiria que um filho seu desse o primeiro vazido com medo à concorrência. E, além disso, ela não tem um traço seu que seja!

OLÍVIA - Ulisses, você vai permitir que ela continue a me estudar?

SIBILA (DEIXANDO OLÍVIA) - Não se sinta ferida, minha libélula.

Se Ulisses a recolheu é porque reconheceu em você as qualidades que ele tanto aprecia. E agora, vamos ao que interessa. Vim para cobrar o favor que lhe prestei, Ulisses.

ULISSES - Quanto?

SIBILA - Estou arruinada. Quebrada, como dizem. O bacará e o bridge levaram até as minhas últimas jóias. Preciso de dinheiro. E muito. Tenho que fazer uma operação plástica. As rugas prejudicam meu trabalho no palco. Há a possibilidade de fazer cinema. Mas os close-ups são de uma crueldade atroz. E eu não pretendo fazer o papel de velha em peça nenhuma.

ULISSES - Por que não pede dinheiro ao seu marido? Pelo que li nos jornais, ele tem uma boa fortuna.

SIBILA - Estamos separados há anos. Deveria tê-lo eliminado. Me faltaram os meios e uma boa oportunidade. Depois, sua alegada fortuna não passava de lenda. Como vê, não valia a pena herdar dívidas. Agora me resta você.

OLÍVIA - Isso não lhe dá o direito de invadir a casa, entrar aqui como quem entra num...

SIBILA (CORTANDO) - E quem pensa você que é? Acaso considera-se a dona disto aqui? Parece até que não conhece aquele que chama de pai. Hoje você é sua protegida. Amanhã, não. E desgraçada de você nesse dia!

ULISSES (GUARDANDO A CAIXA DE QUE SE SERVIRA) - Basta de escândalo. Querendo ficar, fique, Sibila. Você é minha convidada.

OLÍVIA (PARA ULISSES) Você cedeu, papai!

ULISSES (PARA SIBILA) - Mas você vai se acomodar porque não estou para viver vinte e quatro horas por dia aturando as suas explosões!

SIBILA (MUITO CALMA) - Não se exalte, meu querido. Lembre-se do favor que esta velha amiga lhe prestou. (FORTE) Graças ao qual você está aqui gritando, Até os gritos você me deve!

ULISSES (CEDENDO) Você é minha convidada. Vai ficar até fazer a operação. Quanto tempo acha que vai levar?

SIBILA - Talvez um mês, talvez menos, talvez mais.

OLÍVIA - Um mês?

ULISSES - Você fica o tempo necessário. Quanto à operação, tenho um amigo médico. Poderá atender você; é excelente cirurgião plástico.

SIBILA (RINDO) - Nunca deixe o mesmo escorpião picá-lo duas vezes. Lembra? Era isso que você já dizia há vinte anos atrás. Pensa que vou fazer a operação com um médico que você recomenda? Que é amigo

SIBILA -... seu? Talvez seja um crápula como você! Seria fácil me liquidar com, digamos, uma dose excessiva de anestésico. Acertei? (RINDO) - Não, meu querido Ulisses, de maneira nenhuma. Desista deste plano. É muito primário para sua longa experiência... Eu escolho o médico.

ULISSES - Fôsse por isso, minha hárpia, eu poderia eliminá-la muito antes de chegar à sala de operação. Mas não quero, entendeu? Pretendo retribuir o favor que me prestou. (CHAMA) - Haroldo!

SIBILA - Onde deixo a minha bagagem?

ULISSES (PARA HAROLDO, QUE ENTRA) - Leve a bagagem desta dama para um dos quartos vazios. Depois desça e ligue o incinerador. (HAROLDO SAI COM AS MALAS E SIBILA O SEGUE)

LUZES APAGAM

CENA 3

ULISSES (SENTADO À MESA) - É com toda esta calma que você vem me dizer que minhas plantações de pinho estão em chamas? (LEVANTA) - E que faz você aqui na minha frente? Que faz que não desaparece e vai ver de perto os danos? Pensa que preciso de você como mensageiro? Essa bela notícia eu teria recebido por telefone ou pelos jornais da tarde! (O TELEFONE TOCA . ELE ATENDE) - Eu mesmo. (PG) - Como? Repita! (PG) - Arranquem-lhe a verdade! Torturem-no! Quero notícias ainda hoje! (DESLIGA COM FÚRIA) - É a segunda vez que me dão a mesma notícia. Que originalidade!

BONORINO - Pelo que deu para entender, prenderam um dos incendiários.

ULISSES - Quer dizer que você já sabia que foi mais de um?

BONORINO - Não me diga que está pensando que eq...

ULISSES - O que eu penso não lhe interessa. Este foi um dia perfeito para meus inimigos: primeiro, a visita sempre desagradável de Sibula Pinel, agora o incêndio nos pinheirais!

BONORINO - Mas já apagaram o fogo. O perigo passou.

ULISSES - E com isso perdi alguns milhões.

BONORINO (SUBSERVIENTE) - Nem tudo vai tão mal. Deixe-me prestar contas do resto.

ULISSES - Se é para me dar más notícias, feche a boca e ponto final! Não quero mais ouvir o rosário de desgraças que você desfia quando põe os pés nesta casa.

BONORINO (EXULTANTE) - Já fiz o primeiro contato com Eugênia!

ULISSES - Que Eugênia?

BONORINO - A irmã de Argenta Amaro. Vou lhe contar...

ULISSES (CORTA) - Não tenho a mínima disposição de ouvir suas conquistas. Quero a moça para o Sabat. Só isso. Quanto ao resto, anote em seu diário íntimo. E os outros dois?

BONORINO - QUE OUTROS DOIS?



ULISSES - Escute uma coisa: se tiver que lhe refrescar a memória toda a vez que preciso dum trabalho, vou ter de dispensar seus serviços. E você sabe como é que eu dispenso, não?

FELÍCIA (ENTRA SEGUIDA DE HAROLDO QUE LHE CARREGA AS MALAS) -Vou indo, papai.

ULISSES - Posso saber para onde?

FELÍCIA - Não me diga que esqueceu, Ulisses! Foi você mesmo que me aconselhou desaparecer por uns tempos depois da desgraça.

ULISSES (PARA HAROLDO) -Leve estas malas de volta. (HAR SAI) - Você, Felícia, sente um pouco. Vamos conversar. Bonorino, pode ir. Saia pela frente e se encontrar Sibila, faça de conta que não vê.

(BONORINO SAI PELA DIREITA) - E nós, minha filha, vamos esclarecer uma série de coisas.

FELÍCIA - Ulisses, não entendo mais nada. Quando voltei da delegacia e disse que a polícia concluiu ter sido suicídio e que a família de Augusto abafou o escândalo, você me mandou viajar. Agora, que estou com a passagem na mão, você me proíbe de sair.

ULISSES - Quero que você procure Argenta Amaro.

FELÍCIA - Por que? Você sabe que ^aOlívia detesta e gostaria de vê-la morta.

ULISSES - Você é a única pessoa que pode fazer isto por nós.

FELÍCIA - Mas logo eu? Minhas relações com Argenta são apenas cordiais.



ULISSES - Você tem que ir.

FELÍCIA - Prefiro não ir.

ULISSES - Já que você quer saber: Argenta Amaro é uma das cabeças do grupo que quer minha destruição. A nossa, você entende? Isto significa que posso ser prêsô, condenado a não sei o que. E com isto você e Olívia voltarão a viver no lado mais sombrio da vida.

FELÍCIA - O que? O que foi que você disse?

ULISSES (BAIXANDO A VOZ) - Dentro de nossa própria casa tem alguémm interessado em que esse grupo consiga me liquidar.

FELÍCIA -PPeça o que quiser, papai.

ULISSES - Você vai procurar essa dama agora mesmo. Diga que está convidando para um jantar.

FELÍCIA - Como viúva recente não posso ficar oferecendo festas.

ULISSES - Ora, Felícia, como se alguém hoje em dia ainda desse a menor importância a tais ninharias. Vá duma vez antes que ela saia da redação.

FELÍCIA - Pode deixar. Vou mudar de roupa e saio em seguida.(SAI PELA DIREITA/ESQUERDA)

HAROLDO (VINDO DA ESQUERDA) - Já guardei as malas. Mais alguma coisa?

ULISSES - SIBILA já saiu do quartô?

HAROLDO -Acho que não. Deve estar repousando da viagem.

ULISSES - Tenho que sair por algumas horas. Se alguém telefonar, diga que ligue mais tarde. Não aceite recados. (SAI PELA DIREITA)

HAROLDO - Sim senhor. (SEGUE ULISSES. VOLTA CANTAROLANDO" PARA TER O INIMIGO NA MÃO" E COMEÇA A VASCULAR, DISCRETAMENTE, A SALA. PROCURA PAPÉIS NAS GAVETAS, EXAMINA-OS, TORNA A GUARDÁ-LOS)

SIBILA(À ESQUERDA, EM ROBE) - Para ter o inimigo na mão é preciso conhecer-lhe os segredos.

HAROLDO - Estive colocando em ordem êsses papéis. A pedido do sr. ULISSES.

SIBILA - Procure convencer-me, meu rapaz!

HAROLDO - Acredite se quiser. Por que tenho de convencê-la? A propósito, o jantar aqui é às nove. Falta pouco tempo, portanto. Pode voltar e repousar em seu quarto.

SIBILA -Não me venha com suas recomendações. Não preciso de conselhos. Essa sua petulância deve-se à confiança que Ulisses lhe dá.

HAROLDO - Talvez. Mas também pode ser porque sei cumprir com meu dever.

SIBILA -Não procure me enganar, menino. É inútil. Tenho experiência suficiente para perceber que você não tem coragem de matar uma borboleta.

OLÍVIA(VINDO DA ESQUERDA) - Haroldo, Felícia já saiu?

HAROLDO - Se saiu, não foi por aqui.

SIBILA - Há uma adega nesta casa?

OLÍVIA -Por que pergunta?

SIBILA - Quero escolher eu mesma um vinho suave para antes da ceia.

OLÍVIA - Haroldo busca o vinho. Mas você não acha que vinho a esta hora e na sua idade pode lhe fazer mal?

SIBILA -Neste caso, eu já estaria morta pelo simples fato de respirarmos o mesmo ar. (SAI E PARA À PORTA) -Quero êsse vinho em seguida, meu rapaz! (SAI)

OLÍVIA (PARA HAROLDO) - Como pode alguém ser tão desagradável?

HAROLDO - Melhor esquecer esta megera.

OLÍVIA - Não é tão simples assim tendo de viver sob o mesmo teto.

HAROLDO - Olívia, eu queria...

OLÍVIA - Sim, fale.

HAROLDO - Não, fale você. Prefiro ouvir.

OLÍVIA - Não sei se devo.

HAROLDO - Por que? não tem ninguém escutando.

OLÍVIA - É que não sei... não sei qual seria tua reação.

HAROLDO- Tudo depende do que você disser.

OLÍVIA - O que tenho a dizer é bom. Ao menos para mim.

HAROLDO - Pois minha reação será melhor ainda.

OLÍVIA - Não sei se devo.

HAROLDO - Acho que deve.

OLÍVIA - Sei que você não vai me acreditar.

HAROLDO - De onde vem tôda essa certeza?



OLÍVIA - É um pressentimento . Aquêlo sexto sentido de nós, mulheres.

HAROLDO - E que sempre falha, ou quase nunca acerta.

OLÍVIA - Será que você me acredita?

HAROLDO - Só posso dizer depois de ouvir.

OLÍVIA - Não vou esconder mais nada.

HAROLDO (LEVA-A AO RECAMIER. SENTAM) -Abre êsse coração, Olívia.

Quero ouvir tudo o que êle tem para dizer.

OLÍVIA - Sou a mulher mais feliz do mundo!

HAROLDO - Se dependesse de mim fazê-la feliz! Se dependesse de mim mudar seu destino!

OLÍVIA - Não sei o que se passa comigo. Desde aquela sexta-feira em que você e eu... em que nós... eu... (RÁPIDA, NUM DESBAFO) - Agora sou eu que tenho insônia. Sou eu que não durmo!

HAROLDO (MUITO TERNO) - Olívia...

OLÍVIA - A culpa é tôda sua, querido! Não tenho dormido, passo as noites em claro (veja as minhas olheiras!) pensando em você, em nós...

HAROLDO (ABRAÇANDO-A) - Como sou feliz!

OLÍVIA - Não, você não é. Nem eu. Seremos felizes quando...

HAROLDO - Quando?

OLÍVIA : Quando estivermos bem longe daqui. Onde formos desconhecidos. Longe de Ulisses e suas maquinações!

HAROLDO (DEIXANDO-A) - Você sabe que isso não é possível!

OLÍVIA (SEGUINDO-O) - Vou deixar de cantar. O canto para mim nada mais é do que o preenchimento duma vida vazia. Agora que tenho você nada mais me importa.

HAROLDO - Então você não compreende? se fugirmos, êle nos segue. Termina por nos encontrar e...

OLÍVIA - Pensa Haroldo! Tem que haver uma saída!

HAROLDO - Ulisses acaba nos matando!

OLÍVIA -Vivo torturada, Haroldo. Quero ir embora contigo. Não consigo mais viver nesta casa, vou deixar de cantar, estou farta desses crimes e escândalos. Já não suporto mais a presença de pessoas de caráter maligno como Sibila!

SIBILA (QUE VOLTARA E ASSISTIRA A CENA AMOROSA) - O caráter maligno reclama o vinho que até agora não me foi trazido!

HAROLDO E OLÍVIA, NUM MISTO DE SURPRESA, ESPANTO E ÓDIO) -Sibila!!!

LUZES APAGAM

CENA 4

NO MESMO DIA. POUCO DEPOIS DO JANTAR. ENTRAM SIBILA E ULISSES. ELA TRAZ UM JORNAL. ELA SENTA E ULISSES ASPIRA UM POUCO DE PÔ)

ULISSES - Pois, como lhe dizia, minha querida Sibila, esta foi a minha vida nesses vinte anos em que ficamos sem nos ver. Nada de especial aconteceu. Tenho esta casa, alguns quilômetros de terras com pinheirais, uma pequena indústria de celulose, algumas pequenas fazendas no interior, um dinheirinho nos bancos da Suíça (para \$



ULISSES -... casos de emergência, você compreende? e agora terminei de fechar o negócio da compra de uma gravadora.

SIBILA - Você esqueceu de citar a rede de super-mercados...

ULISSES - Coisa sem importância...

SIBILA - As frotas de táxis?

ULISSES - Pequenas.

SIBILA - E você quer me convencer que conseguiu tudo isso apenas com o suor do rosto?

ULISSES - E com lágrimas também. Veja esta notícia. (Apanha o jornal e lê) "O fogo destruiu 20 hectares dos pinheirais da Companhia 'Celulivro'! A pronta intervenção dos habitantes das granjas vizinhas não permitiu que o fogo se alastrasse. Armadas de baldes d'água e sacos de areia conseguiram..."

SIBILA - Pode parar, Já li tudo.

ULISSES - Não e de fazer brotar as lágrimas?

SIBILA - Aliás, merecem um prêmio êsses heróis.

ULISSES - O que terminaria por empanar seu heroísmo. O prêmio pode levá-los a cobiça. Provocando êles próprios um incêndio e apagando-o enseguida receberiam uma nova recompensa! Não se iluda, Sibila. Não darei prêmio a ninguém.

SIBILA - Não me iludo com você. Estou mesma admirada que tenha me convidado para ficar aqui.

ULISSES - Temos uma dívida, não é? Quanto ao incêndio, nada mais resta a fazer; já prenderam um dos incendiários.

SIBILA - Você está insinuando que o incêndio foi criminoso?

ULISSES - Não insinuo coisa alguma. Estou afirmando, o que é muito diferente.

SIBILA - Ora, quem teria coragem para tanto?

ULISSES - Logo vamos saber. Quando a tortura fizer falar o homem que prendemos.

SIBILA - (UM POUCO INSEGURA) - Que paranóia está tomando conta de você?

ULISSES - Tenho mais inimigos do que você pensa. Sei que ha um grupo se articulando para me aniquilar. Desde que descobriram que eu poderia me tornar primeiro ministro. Depois, tenho dinheiro. E êsse nem sempre traz amigos. Atrai, isso sim as moscas inimigas.

SIBILA (AS GARGALHADAS) - Quem imagem mais elequente: às moscas inimigas. (FORTE) Que fantasia é essa? Quem te soprou tudo isso nas orelhas? Então não percebe, e quem sou eu para te dizer, que com teu dinheiro e prestígio, não há força que couse se levantar contra você? Ora, não me faça ri?

ULISSES - O grupo existe, Sibila. Um dos membros mais ativos é uma jornalista, Argenta Amaro, do "Diário Popular".

SIBILA - Desconheço êsse jornal. Nunca chegou a Buenos Aires.



ULISSES - Primeiro, começou a me atacar subterraneamente. Agora abriu o jogo: atacou Olivia.

SIBILA - No que essa jornalista tem tãda a razão. Se Olivia canta como fala, infeliz de quem tem de ouvi-la!

ULISSES - Talvez você tenha razão. Mas há outros cantores pessimos. E nem por isso Argenta os ataca.

SIBILA - Questão de simpatia. Os criticos também são seres humanos. Embora, às vèzes, não pareçam. Na verdade, meu caro, você está despeitado. Só porque Argenta não aceita seus suborno, porque não é sua complice, porque não faz o seu jogo!

ULISSES - Como você a defende! Se não a conhecesse, diria que você está ao seu lado.

SIBILA - Isso é paranóia desencadeada, filho.

ULISSES - Além dela, tenho outro inimigo aqui em casa.

SIBILA - Que pungente, que dramático!

ULISSES - Você não desconfia de ninguém?

SIBILA - Talvez Aroldo?

ULISSES - Exatamente. Aroldo. Desde que veio pedir emprêgo, comecei a desconfiar. Sempre pelos cantos, presente quando menos se espera. Finalmente, hoje pela manhã, surpeendi o rapaz telefonando para Argenta.

SIBILA - Ulisses, quanto você me paga por uma informação bastante valiosa em termos de segurança? Segurança para você, claro.

ULISSES - Depende do valor da informação...

SIBILA - Digamos que há mais alguém de quem você precisa se cuidar. (AROLDO ENTRA SORRATEIRAMENTE E SE COLOCA A ESCUTAR POR TRAS DO BILOMBO)

ULISSES - Digamos que eu já desconfiava...

SIBILA - Pensa que estou bñhcando? É alguém que conhece a sua vida, alguém de que você nada esconde. Qualquer trapaça, qualquer golpe lhe é conhecido...

ULISSES - Não acha que pagando sua operação plástica já pago o suficiente?

SIBILA - Não seja mesquinho, Ulisses! Não esqueça que matei um homem para sálvar você.

ULISSES - Seu preço?

SIBILA - Você decide, desde que não seja muito miserável.

ULISSES - Fale, que não vai se arrepender: quem é essa segunda pessoa que me ameaça?

SIBILA - Alguém que agora está provando seu acêrto em escolhê-la.

ULISSES - Felicia?

SIBILA - Essa não passa de uma criminosa vulgar e que tem muitos a aprender.



ULISSES - Matilde, a cozinheira?

SIBILA - Não se faça de engraçado. É alguém que agora mostra ter as qualidades que nela você vislumbrou...

ULISSES - Você está insinuando que é Olivia?

SIBILA - Não insinuo. Tenho certeza.

ULISSES - Você está mentindo! (AVANÇA PARA ELA E PEGANDO PELOS OMBROS SACODE-A VIOLENTAMENTE) - Pensa que vou permitir que você teça sua teia assassina? Pensa? Pensa?

SIBILA - (MUITO CALMA MAIS FORTE) - Tire essas mãos de cima de mim! Detesto homens de unhas envernizadas. Escolha: ou acredita em mim ou não acorda numa bela manhã. Sei do que falo. Surpreendi uma conversa entre ela e Haroldo. Estão planejando fugir.

ULISSES - Tente convencer-me. Olivia não cairia nesse erro. Depois, Haroldo não é seu tipo.

SIBILA - Engana-se. Aman-se perdidamente e já têm um plano de fuga pronto. Isto pode resultar num desastre para você e seus negócios.

ULISSES - Dificilmente alguém sai inteiro depois de pôr os pés aqui dentro.

SIBILA - (ASSUSTADA PROCURA DISFARÇAR) Que quer dizer com isso?

ULISSES - Simplesmente que não vou repetir a história do homem que recolheu a serpente enregelada, colocou-a no peito para reanimá-la, etc...etc...Posso liquidar com Olivia com um simples gesto de mão. Ela não terá tempo de me picar.

SIBILA - Assim espero. É por incrível que pareça, Haroldo não concorda com Olivia. Fugir sim, mas matar você, não. Apesar das aparências, Haroldo é um secretário fiel.

ULISSES - A informação é de um valor extremo. Não sei como agradecer.

SIBILA - Eu sei: Em dinheiro sonante.

ULISSES - Pode ficar descançada. Saberei pagar à altura. (PC) É uma pena que ela já tenha ido ao ensaio: Eu poderia matá-la neste momento.

SIBILA - Ensaio? Ora, deve ter ido encontrar-se com um dos seus inimigos. Deve ter ido fornecer-lhes alguns dados que facilitem tua eliminação. Ah, as atrocidades, os crimes que se praticam em nome do coração!

ULISSES - Não podemos permitir que ela sequer desconfie que já sei de tudo.

SIBILA - Pode contar com o meu silêncio. Quando quero, sou discreta.

ULISSES - Se ela sonha que conheço a trama, não terei chance de aparar o golpe.

SIBILA - Não podemos contar com o apoio de Felícia? Sei que ela é uma assassina vulgar e sem imaginação, ...

ULISSES - Deixe Felicia fora do jogo e não a chame de assassina vulgar! Ela tem de desaparecer por uns tempos. Depois do suicidio do marido...

SIBILA (MALDOSA) - Suicidio?

ULISSES- ...Felicia não deve ser vista por aí. Amanhã ela parte para uma estação de águas.

SIBILA - Resumido: O golpe vem sempre de onde menos se espera, querido. É uma lei da vida, que fazer? A mim você não quis deixar entrar em sua casa e aquela a quem trata como filha procura destruí-lo.

ULISSES - Pobre Olivia como é primaria em sua trama! Como é ingênua no esquema do crime!

BONORINO -(VINDO DA ESQUERDA) Oh, desculpe. Pensei que estivesse sozinho.

SIBILA - Ignore a minha presença, rapaz. Eu e Ulisses somos velhos amigos.

ULISSES - Pala dama vez, Bonorino!

BONORINO - Trouxemos o incendiário. Está lá embaixo.

ULISSES - Ótimo. Desço em seguida. (BON SAI) Você quer assistir ao espetáculo, Sibila?

SIBILA - Obrigada. Prefiro ficar.

ULISSES - (SAINDO) Ve jamos agora o que esse moço tem a declarar. (APANHA A CAIXA DE CIMA DA MESA) Melhor levar este pó. - Talvez precise um pouco.

CENA 5

(NO DIA SEGUINTE, À NOITE)

HAROLDO -Positivamente, não posso. Não suporto esses gritos, esses gemidos. Ainda bem que me dispensaram. Se tivesse de ficar uma hora mais, juro que teria enlouquecido.

SIBILA (SORVE UM ÚLTIMO GOLE DA BEBIDA) - Belo secretário é você! Então não sabia que tipo de canalha é Ulisses? P'r que veio procurar emprêgo?

HAROLDO - Você sabe porque.

SIBILA - E agora fraqueja quando ouve as queixas do torturado. Por que não usa algodão nos ouvidos?

HAROLDO (BAIXANDO A VOZ) -Pode parar com a encenação. Não tem ninguém nos escutando.

SIBILA -Como ousa ter certeza? Olivia pode chegar a qualquer momento.

HAROLDO - Já disse que não há ninguém por perto. Ulisses está no porção. Olivia só volta de madrugada. Está ensaiando para o disco que vai gravar. Falando em Olivia, acho que você foi longe demais quando falou dela e de mim para Ulisses. Você exagerou. E isto pode nos custar caro. Principalmente para mim.

SIBILA - Quem é você para me chamar a atenção? Guarde suas lições



... guarde suas lições para si. Você não passa de um aprendiz. Um aprendiz cheio de dengues e indecisão.

HAROLDO - Por causa de sua língua corremos um risco desnecessário.

SIBILA :Não seja infantil, Haroldo. É tudo ou nada. Estamos os dois na mesma jaula e temos de jogar com tôdas as cartas se quisermos vê-lo aniquilado. Por que pensa que a organização mandou buscar-me em Buenos Aires? Julga que foi por meu sucesso no palco? É que eu tenho um passado, meu fãlho. Eles sabem do que sou capaz. Portanto, pode guardar suas estúpidas lições. Não preciso delas.

HAROLDO - Faça o que quiser. Mas tenha cautela e não fique me envolvendo grauitamente. Se você continua a tramar suas armadilhas particulares vou ter que comunicar tudo à Argenta.

SUBULA - Não venha com ameaças! Graças a minha ação já descobri que Ulisses, por mais incrível que pareça, te aprecia bastante. Além disso, reforcei a idéia de que você é muito dedicado e fiel. (MALDOSA) -Tão fiel que faz visitas constantes ao quarto de Olívia. (EMENDA) - Para ver se ela não precisa de nada, é claro.

HAROLDO(ENTRE DENTES) - Você vai acabar pondo tãdo a perder.

SIBILA - Abandone êsses ares de vidente e prepare uma bebida para mim. Enquanto isso, telefono para Argenta.

HAROLDO (SAINDO) Tenha cuidado com êsse telefonema.

SIBILA -Você n~o disse que estamos sôzinhos?

HAROLDO - E desde quando se pode confiar em alguém desta família? É bom ter cautela.

SIBILA (MORDAZ) - Vã em paz, meu filho. E não esq ueça: é dose dupla sôbre gêlo. Sem água. (DISCA) -Alô? E do "Diário Popular"?- Por favor, quero falar com Argenta Amaro. (PC) Diga-lhe que é Sibila Pinel. (PAUSA) - Ah, já foi para casa? (PC) -Um momento. Preciso anotar. (PROCURA PAPEL E LÁPIS)VOLTA) -Pronto. Pode di-er. Sim, 25.003104. Obrigada. (LIGA PARA O NÚMERO) -Alô, 25.00.31..04? Querger falar com Argenta Amaro.

ULISSES (ENTRA DA DIREITA, CABACO NA MÃO, MANGAS ARREGAÇADAS) -Estava demorando muito a dar seu bote, Sibila. (SIBILA FAZ UM GESTO PEDINDO QUE SE CALE) -E ainda usando meu telefone!

SIBILA - Oh, ela saiu? Muito bem, diga que Sibila Pinel telefonou. Volto a ligar amanhã. (DESLIGA. PARA ULISSES) -Não podia esperar pelo menos que eu terminasse? Tinha que berrar feito louco? Pensa que não ouviram tudo?

ULISSES - D eixe de lado a representação! Ouvi você falando em Argenta Amaro. Entendi tudo, não me vanha com mentiras. Quem era a pessoa com quem você falou?

SIBILA - Eugênia Amaro, a irmã mais mōça de Argenta.

ULISSES . Quer dizer que você conhece tãda a família, que é íntima, que costuma visitã-las quando vem de Buenos Aires? É, é, é?



SIBILA - Não, não, não! Argenta é apenas uma grande admiradora minha. Desde que me viu representando, nada mais. Depois do espetáculo, foi me cumprimentar no camarim. Deu-me ser enderêço e telefone. Que mais quer você? Estou facilitando as coisas. Pensa que Argenta vai ser suficientemente ingênua para vir a sua casa a convite de Felícia? Pensa que é louca? Sabendo, porém, que estou aqui ela não vacilará estará conosco no sábado.

ULISSES - Pensa que me convence? Escute, Sibila...

SIBILA (CORTANDO) - Espere até sábado. Argenta não vai perder a chance de me ver de perto, de conversar comigo, de colher informações e, quem sabe, de fazer uma boa reportagem. Eu serei a atração desta festa, Ulisses. Atração ou isca.

ULISSES - Talvez você não dure até lá.

SIBILA - Conhecendo-me como me conhece, prefere acreditar em suas fantasias... (ENTRA HAROLDO COM A BEBIDA) - Até que enfim, rapaz. Pensei que fôsse morrer de sede. Traga um copo para Ulisses. (HAR SAI E ELA CANTA)

-Ora, Ulisses, um ator foi fulminado há vinte anos atrás!

Uma cronista será envenenada no próximo sábado.

Isso é pouco para mim.

Há vinte anos, em plena cena

Um ator teve seu fim.

No sábado será Argenta,

Isso é pouco para mim.

Confia sempre em Sibila Pinel!

Lembra do que ela já fez por ti!

Correu o risco de ser presa

Há vinte anos atrás,

E agora nêsse transe

Mais uma vez fica provada

Minha amizade por você!

ULISSES (CANTANDO JUNTO) - Sibila Pinel e Ulisses de Lamarr

São vinho da mesma pipa

São ambos sal do mesmo mar!

Os mesmos crimes,

A mesma hipocrisia,

O mesmo cinismo,

O despudor igual

E o que nos une em carne e sangue

É o mesmo prazer do antigo mal!



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

-Há vinte anos atrás
Um ator assassinado,
Sábado próximo será Argenta:
Murchará qual açussena
Calcinada pelo sol
O que é isso para nós?

HAROLDO (ENTRANDO COM A BEBIDA) - Seu copo, sr. Ulisses.

ULISSES - Passe-o para Sibila. Nuncabbebo a esta hora, você sabe.

SIBILA (ESFORÇANDO-SE PARA PARECER NATURAL) - Obrigada. Já bebi o suficiente por hoje. Beba você, Ulisses. Há de lhe fazer bem.

ULISSES - Bela hóspede e você! Rejeita o brinde que lhe ofereço. Beba você, Haroldo.

HAROLDO (CONFUNDIDO) - Não posso. O álcool me faz mal. Tenho um fígado muito...

ULISSES - Beba! Isto é uma ordem.

SIBILA - Não seja tão drástico, querido; se Haroldo não costuma beber, por que obrigá-lo?

ULISSES (SEM DAR ATENÇÃO) - Beba, Haroldo. E tudo de um só gole.

HAROLDO LEVA O COPO À BOCA)

BONORINO (SUA ENTRADA INTERROMPE A CENA) - Sr. Ulisses...

ULISSES - Não abra a boca se não tiver uma boa notícia!

BONORINO - O rapaz...

ULISSES - Acabou confessando?

BONORINO - Sim, ele falou.

SIBILA (RÁPIDA, MAL CONTENDO O PÂNICO) - Disse alguma coisa? Citou nomes? Falou em alguém?

BONORINO - Disse apenas que faz parte do grupo e...

ULISSES - E...?

BONORINO - Morreu.

ULISSES (MAL CONTENDO A FÚRIA) - Que fiz eu, DeusDeu, para estar rodeado de imbecis? Não falei que o tratasse com delicadeza? - Vamos descer todos. Haroldo, vá em frente e ligue o incinerador. (HAR SAI) - Acho que muito em breve, vou ter de mudar todo o meu staff. (DIRETO PARA BONORINO) - Meus atuais companheiros estão falhando muito seguidamente, não é ?

(LUZES APAGAM)

CENA 6

NA MESMA NOITE, DE MADRUGADA. UM RELÓGIO BATE AS QUATRO. A CENA ESTÁ ÀS ESCURAS. HAROLDO DORMITA SOBRE UM SOFÁ. QUANDO O RELÓGIO SOA ELE ACORDA E CONSULTA SEU RELÓGIO DE PULSO. OLÍVIA VEM DA DIREITA.)

HAROLDO (SUSSURRA) :Olívia?



OLÍVIA - Ai, que susto! Pensei que não houvesse ninguém aqui. Outra dessas e você me mata!

HAROLDO - Não fique assim nervosa.

OLÍVIA - Com tudo que anda acontecendo não é mais possível viver em paz. Qualquer coisa me abala.

HAROLDO - Você demorou nesse ensaio. Veio direto para casa?

OLÍVIA - Está com ciúmes?

HAROLDO - Não. Apenas preocupado. É um perigo andar sôzinha por essa cidade.

OLÍVIA - Como vê, cheguei sã e salva. O perigo não está nas ruas. Está aqui.

HAROLDO - Fale mais baixo, querida. Estive pensando, sabe. Acho que você tem razão. Precisamos sair daqui o quanto antes.

OLÍVIA - Tarde demais, Haroldo! Não é mais possível.

HAROLDO - Nunca é tarde quando se toma de fato uma decisão.

OLÍVIA - Já disse que é impossível.

HAROLDO : Mudou de idéia, então. Prefere a segurança do dinheiro de seu pai, mesmo sob a ameaça de um dia ser jagada à rua, do que partir comigo. É isso, não é Olívia? Vamos, confesse que prefere o horror e o crime que infectam esta casa do que tentar uma vida nova.

OLÍVIA - Não fique me acusando sem ter certeza de nada!

HAROLDO - Mais baixo!

OLÍVIA - Já disse que não podemos fugir.

HAROLDO - Sei muito bem porque não quer: agora que Ulisses comprou a gravadora, você pode gravar o que lhe der na cabeça! Os cronistas de música vão colocá-la nas nuvens! Basta êle comprar uma cadeia de jornais, não? Resumindo: você vai ter agora o que sempre quis; sucesso. Afinal, Ulisses tem o ouro para garantir tudo, não é?

OLÍVIA - Você faz questão de não entender. É ainda por cima, mente que me ama! A verdade é que não suporto mais a presença de Ulisses.

Não sei onde estava com a cabeça quando aceitei sua proteção...

HAROLDO - Está tentando insinuar que...

OLÍVIA - Não me diga que não sabia que não sou filha de Ulisses?

HAROLDO - Você quer dizer que êle não é seu pai?

OLÍVIA - Claro que não é. Convidou-me para morar aqui. Aceitei porque... eu já estava cansada de lutar pelo pão de cada dia. Trabalhava para sobreviver. Apenas Felícia é filha de Ulisses. Nunca notou a diferença no tratamento?

HAROLDO - Claro que notei. Só um cego não veria. Mas por que êle escolheu você?

OLÍVIA - Não sei. Penso que foi mais um de seus caprichos...

HAROLDO - Vocês não foram... ou ainda ...



OLÍVIA (CORTA) - Como pode pensar uma coisa dessas? Nem sonhando! Verdade seja dita: Ele nunca pôs um dedo em mim!

HAROLDO - Pois já que não é teu pai, mais uma razão para ir embora. Nada te prende a ele. Amanhã compro as passagens.

OLÍVIA - Já disse que não pode ser. Quando eu quis fugir, você não se decidia. Agora é tarde. O quarteirão está todo cercado. Estamos presos. Quando voltava do ensaio, um dos asseclas de Ulisses me atacou no portão. Tive de me identificar. Eles têm ordem para não deixar entrar nem sair ninguém sem ordem expressa dele. Estamos encurralados.

HAROLDO - Tentamos a saída dos fundos. A porta por onde entra Bonorino.

OLÍVIA - Também está vigiada. Preciso beber, Haroldo. Estou com os nervos em trapos (VAI APANHAR O COMO DEIXADO POR HAROLDO SOBRE A MESA NA CENA ANTERIOR)

HAROLDO (TENTA TIRAR O COPO) - Não beb, Olívia.

OLÍVIA -(Safando-se) - Quer me matar de sede?

HAROLDO - Já está velho. O Gêlo derreteu.

OLÍVIA - Melhor ainda. Meu diretor proibiu bebida gelada. Por causa da voz.

HAROLDO - Sibila andou bebendo nesse copo.

OLÍVIA - Por que não disse logo? (DERRUBA A BEBIDA NUM VASO)

HAROLDO (SAI PELA DIREITA) - Vou buscar uma coisa bem suave.

ULISSES :(ENTRA DE ROBE DA ESQUERDA) - O que faz minha princesa noturna sozinha no salão? Espera pelo príncipe encantado que virá ao nascer do dia?

OLÍVIA - Terminei de chegar. Que ensaio maravilhoso, Ulisses. Semans que vem, começamos a gravar, (NOTANDO O REVÓLVVER NA MÃO DE ULISSES) - Por que esta arma?

ULISSES - É que esta casa é uma selva, minha filha. Não se tem mais a mínima segurança. Principalmente agora que há um grupo interessado em nos destruir.

OLÍVIA - Mais baixo, papai. Haroldo ainda não foi dormir. Pode nos escutar.

ULISSES - Que quer ele acordado a esta hora da noite?

OLÍVIA - Tem insônia.

ULISSES -Estranho, nunca me falou nada.

OLÍVIA (POUCO À VONTADE) -É que... Haroldo é cheio de manias.

Não confessa nada. Nem suas insônias. É sua maneira de ser. Agora vá dormir.

ULISSES -Amanhã quero ter uma longa conversa com você.

OLÍVIA -Claro, claro. Agora vá. Boa-noite, papai. (BEIJA-O)

ULISSES - Sonhe com os anjos. (SAI E SE ESCONDE POR TRÁS DE UM BIOMBO)

HAROLDO (ENTRA COM A BEBIDA) - Você falava com alguém?



OLÍVIA - Estou sôzinha, não estou?

HAROLDO (PASSA-LHE O COPO) - Tenho a impressão que ouvi você falando.

OLÍVIA - Estava apenas recitando a letra de uma nova canção. É muito difícil e estava tentando recordar.

HAROLDO - Ah, foi isso. Escute, tenho uma idéia que pode servir.

OLÍVIA (FALA ALTO, PROCURANDO DESCONVERSAR) - Não quero ouvir nada. Guarde suas idéias para você. Estou cansada e quero ir dormir.

HAROLDO -Que está havendo com você?

OLÍVIA -Não tenho disposição para passar o resto da noite dando ouvidos às suas sugestões.

HAROLDO -Não entendo.

OLÍVIA - Aliás, acho que você conhece muito pouco de música para me dar conselho.

HAROLDO - Isso é efeito da bebida, Olívia?

OLÍVIA - Pensa que me embebedo tão fácil? Olhe aqui: de hoje em diante, não me venha mais com suas opiniões. Isto é definitivo e se você insiste no assunto, vou ter que falar com papai. (TOMA UM ÚLTIMO GOLE E SAI) -E muito boa-noite! (AO SAIR, CHOCA-SE COM SIBILA) -Ora, vejam só! Que pesadêlo a acordou?

SIBILI -À sua voz.

HAROLDO -Desculpe , Sibila. Não tive a intenção de...

SIBILA -Dispensio suas explicações, meu jovem. Quer dizer que vocês promovem festas muito particulares enquanto os outros dormem! (PARA OLÍVIA) -É uma pena que seu pai tenha sono tão pesado. Talvez gostasse de saber o que se passa aqui enquanto ele dorme.

ULISSES (SURGINDO DETRÁS DE BIOMBO) - E quem foi que disse que estou dormindo? Faz anos que não fecho mais os olhos, Sibila.

SIBILA (RI ENTRE SURPRESA E ASSUSTADA) -O demônio é quem tem razão, Ulisses. Feche um olho e fique alerta com o outro.

OLÍVIA - Belo conselho êsse! Só podia partir de você.

ULISSES -O que é isso, minha filha? Por que esta explosão de mau humor em plena madrugada? (PARA SIB) - Vou tentar fazer como demônio. E, já que estamos todos com insônia, vamos tratar, todos juntos, dos últimos detalhes para a recepção de Argenta Amaro.

LUZES APAGAM

CENA 7

SÁBADO À NOITE. HAROLDO ESPERA PELOS CONVIDADOS.

ULISSES (VINDO DA ESQUERDA) - Haroldo, Haroldo!

HAROLDO - Alguma coisa?

ULISSES -Tudo em ordem na sala de jantar?

HAROLDO - Tudo. Não conseguimos as orquídeas que o senhor queria. Usamos rosas.

ULISSES -Rosas! Não podia ser mais convencional, não acha?



HAROLDO -Telefonei para tôdas as floristas da cidade. Não estamos em tempo de orquídeas. Foi uma pena o senhor não ter me dado permissão para sair. Tenho certeza que pessoalmente eu teria conseguido as flôres.

ULISSES -Bem, bem, não lamentemos sôbre cinzas. As rosas também decoram uma mesa. Para variar, até que não ficam mal. O resto, tudo pronto?

HAROLDO - A cozinheira tem tudo preparado. Mas penso que o caviar é pouco.

ULISSES -Deve chegar. Afinal, quantos somos ao todo? Vejamos: Sibila, Olívia, eu, você e nossa convidada. Se vier.

HAROLDO - Há de vir. Sibila telefonou para confirmar o convite (PG) O senhor esqueceu Bonorino.

ULISSES - Julga então que eu me sentaria à mesa tendo ao lado um ladrão vulgar que não sabe sequer usar um guardanapo e, que após fartar-se de coelho assado espalita os dentes na frente dos outros? O que não diria nossa amiga Argenta? Não, não. Bonorino vai ficar no jardim para conduzir os devotos do rito da fertilidade. Que acha da ideia de eu ceder meus porções para que exêcutem a missa? Não acha muito original?

HAROLDO - Sem dúvida. Aliás, o sacerdote mór chegou com alguns de seus diáconos. Trouxeram também uns instrumentos estranhos.

ULISSES - Todos eles são muito estranhos. Não só seus instrumentos.

HAROLDO - O sacerdote me pareceu muito idoso.

ULISSES - É quase centenário. Todos os devotos dêsse rito são uns decrépitos. Esclerosados. Impotentes com a pele amarfanhada como um papizo egípcio. Mas que fazer? É preciso dar-lhes liberdade. Eles também tem direito ao deboche.

HAROLDO - O senhor tem tôda a razão.

ULISSES - Como sempre, aliás. E de hoje em diante, você vai deixar de me chamar de "senhor". Basta dizer Ulisses.

HAROLDO - O senhor está de muito bom humor hoje.

ULISSES - O que foi que eu terminei de dizer, hein? Nada de senhor. Falo sério, Haroldo. Vamos de agora em diante, esquecer as diferenças que nos separam. Não quero desníveis sociais em minha casa. Todos sabem que nunca tive um filho homem. Um filho que herdasse meu nome e minha fortuna, um filho que continuasse minha semente etc.etc. Minha mulher, que Deus a tenha, deu-me Felicia e Olívia. Não quero dizer que disgosto das duas. Absolutamente, não me interprete mal. mas você compreende, no fundo eu não passo de um simples pai de família, um homem comum e nada mais. E como todo o homem comum, ficaria contente se tivesse um filho homem.

HAROLDO - Entendo.



ULISSES - Por isso tenho pensado: Não gostaria de tornar-se meu...

OLIVIA -(ENTRA E CORTA) Ulisses, ajuda-me aqui. Tem algo errado com este fêcho.

ULISSES - Pessa para Haroldo.

OLIVIA - (DANDO AS COSTAS PARA HAROLDO) Que é isso, papai? Está incinuando que...

ULISSES - Você sabe que insinuações nunca foram o meu forte. Uhm, mas você está linda! Dê uma volta. (ELA RODOPIA) Encantadora!

OLIVIA - Comprei hoje de tarde. Haroldo falou que não temos orquídeas?

ULISSES - Já sei. Haroldo, vá dizer a Bonorino que conduza Argenta para cá assim que ela chegar. Estamos apenas à espera dela para o jantar. (HAROLDO SAI)

OLIVIA (POUCO A VONTADE) Ulisses, eu... eu não sei se vou ter forças para suportar a presença de Argenta. Estou com os nervos estirados como cordas. Preferia não estar aqui hoje.

ULISSES - (MUITO ESPANTADO) O que? Pensa que gastei esta fortuna no jantar para você desaparecer no melhor da festa? Onde está o seu domínio?

OLIVIA - É fácil dizer isso porque não foi ~~axa~~ você que ela atacou!

ULISSES - Ah, não foi a mim? É? Claro que foi! Atacando a você me atingiu também. E depois, você esquece os milhares de pinheiros que ela e seu bando de marginais incendiaram. Você não pense no meu prejuízo? Depois desse desastre, virão outros mais: minha fábrica de celulose voará pelos ares, a gravadora que comprei para você e lançar suas músicas calhordas será dinamitada...

OLIVIA - Calhordas? Ulisses, como podes dizer isso de minha música?

ULISSES - Calhordas, sim. Com letras imbecis de extremo mau gosto! E os assaltos a minhas casas de câmbio? Você esquece tudo isso? E no entanto, aqui estou: Sereno como um lago, sorindo pelo preazer de receber essa mulher me minha casa.

OLIVIA - É que você tem uma vasta experiência no campo da hipocrisia. Eu Não.

ULISSES - Pois já é tempo de apreender algo de útil. E agora responda: você não é cantora?

OLIVIA - Que pergunta! Não sei onde quer chegar.

ULISSES - Uma cantora, quando canta, interpreta uma letra e uma música. Por isso, para bem cantar é preciso ser atriz. Ou ator, conforme o caso. E meso não sendo uma diva dos palcos, hoje você terá de interpretar o papel da anfitriã. Da anfitriã que não se comove nem fraqueja ante uma crítica cruã. Esteja acima dessas ninharias. Ou finja que está. Que fim levou a centelha calculista que vislumbrei em seu olhar naquele infecto cabará onde te encontrei pela

primeira vez? Onde está tãda aquela capacidade de fingimento? Interprete seu personagem, que demônio!

OLIVIA - Vou tentar fazer o possível.

ULISSES - Use o que lhe resta de inteligência. Faça trabalhar essa linda cabecinha.

SIBILA - (ENTRA VESTIDA DE GREGA) Você não lhe pede demais?

ULISSES - Sibila Pintel fazendo uma grande entrada!

OLIVIA - Em que ruína você desencavou esse vestido?

SIBILA - Já que quer saber: usei esse figurino em "Medéia", meu último grande sucesso em Buenos Aires.

ULISSES - (RINDO) Você parece uma vestal, Sibila.

SIBILA - (ENTRANDO NO JOGO) Uma vestal dedicada ao culto do Teatro!

OLIVIA - E ao culto da crueldade.

SIBILA - (Sem dar atenção) Ulisses, serve-me uma bebida. Estou com uma sede absurda.

ULISSES - (TOMANDO-LHE A TAÇA) Depois. Agora vamos descer aos porões. Vamos ver como estão os preparativos para a missa. Você vem, Olivia?

OLIVIA - Não. Ainda tenho que me pintar. (SAEM ULISSES E SIBILA DE BRAÇOS DADOS. ENTRA HAROLDO EMPURRANDO UM CARRINHO COM BEBIDAS, UM BALDE DE GELO E COPOS ALTOS DE CRISTAL; OLIVIA LANÇANDO-SE AO SEU PESCOÇO) Haroldo! Haroldo! Não sei de onde tirar forças para enfrentar a situação!

HAROLDO - Acalma-te! Podem nos ouvir.

OLIVIA - Ajuda-me! Não sei se posso agir sozinha!

HAROLDO - Pensa em nós dois livres dêle para sempre! Imagina nossa alegria quando longe daqui! Libertos para sempre de sua presença maligna!

OLIVIA - Tenho medo.

HAROLDO - (PEGA-A PELA MÃO E A CONDUZ AO SOFÁ) Vou estar ao seu lado.

OLIVIA - Você esquece Sibila: ela é amiga dêle e tudo fará para que nos apanhe.

HAROLDO - Deixe Sibila por minha conta. Ela não terá tempo de esboçar o menor gesto.

OLIVIA - mas porque tem que ser eu? Não quero, Haroldo. Sei que não posso!

HAROLDO - Não venha me dizer que está com pena de Ulisses. É ele ou nós.

OLIVIA - (LEVANTANDO) Não vou ter ânimo! Sei que não vou ter!

HAROLDO - (SEGUINDO-A) Tem que ser você! Lembre-se que vai estar



sentada junto d'ele à mesa. (RETIRA UM PEQUENO FRASCO DO BOLSO DO COLETE) Pegue isto e guarde. Derrama tudo em teu próprio vinho e depois, quando ele estiver empolgado na palestra, quando não estiver notando, troca os cálices. Nossa vitória, a minha e a tua, a vitória do grupo todo depende de você!

OLIVIA - E se ele morre a mesa? Seus aecelas vão invadir a vasa e nos cortam à bala! Eu não quero morrer, Haroldo. Tenho uma vida inteira pela frente, quero vivê-la com você e não vou desperdiçar...

HAROLDO - (CORTANDO) Cale-se! Já expliquei mais de uma vês que este veneno é de ação muito lenta. Lenta mas segura. Não deixa traços e depois da morte se dissolve no organismo. Ulisses morrerá de madrugada, apenas. Ou amanhã à noite. Talvez daqui a uns sete dias. Não vai ficar desfigurado. Chamarei um médico que faz parte de nosso grupo para atestar a morte: colapso. Estamos, pois, seguros. Não tenha medo.

OLIVIA - E Sibila?

HAROLDO - Eu a elimino, pode ficar tranquila.

OLIVIA - Beija-me, Haroldo. (ABRAÇAM-SE E BEIJAM-SE LONGAMENTE)

SIBILA - (À ENTRADA DA DIREITA) Haroldo, Ulisses pede que você traga alguns exemplares da estufa.

HAROLDO - (DEIXANDO OLIVIA) Sim, senhora. (OLIVIA SAI E APANHA A CAIXA DE PÔ SOBRE A MESA)

SIBILA - (PARA OLIVIA) O vício foi sempre mau conselheiro... (OLIVIA PARA E VAI RETRUCAR MAS RESOLVE SAIR SEM DIZER NADA. OLIVIA SOME POR TRÁS DO BIOME) Antes de descer, rapaz, serve-me uma bebida.

HAROLDO - Não acha que já bebeu demais?

SIBILA - Sei a conta do que posso beber. (ELE SERVE UMA BEBIDA) Tudo em ordem? Ela vai agir no momento certo?

HAROLDO - (PASSANDO-LHE O COPO) Foi duro convencê-la. Estava querendo desistir. Vacilou muito. Mas agora já está resolvida a matá-lo.

SIBILA - Ela tem de seguir à risca nosso plano.

HAROLDO - Depois d'ele morto, partiremos os três.

SIBILA - Os três? Está brincando?

HAROLDO - Você ouviu muito bem. Nós, os três. Olivia, você e eu.

SIBILA - Quer dizer que você acabou caindo de amôres por essa, essa...

HAROLDO - Cala a boca, Sibila. Você ainda vai botar tudo a perder.

SIBILA - (DÁ UMA GARGALHADA E, DEPOIS, EXTREMAMENTE MORDAZ) Olhem só o herói! Além de extérminar o vilão, ainda fica com a pobre e desválida órfã. Você é comovente. (DÁ OUTRA SONORA GARGALHADA QUE CORTA QUANDO VE ENTRAR ULISSES BRANDINDO UM BUQUE DE ROSSAS)

ULISSES - (PARA OLIVIA QUE SAI DO SEU ESCONDERIJO) Tome! Pegue no ar e enterre sua carreira com estas flôres! (LANÇA-LHE O BUQUE QUE ELA APARA).



OLIVIA - (COM O BUQUE NOS BRAÇOS) Que loucura e essa de enterrar minha carreira? Está perdendo o tino?

ULISSES - (PERDE A PACIÊNCIA) Então não percebe que Argenta roeu a corda? Que alguém a preveniu de tudo? Que ela te enviou estas flôres pedindo desculpas por não comparecer?

OLIVIA - Não acredito! Ela confirmou que viria.

ULISSES - Pois leia o cartão e fique certa: Argenta Amaro não virá para o jantar.

OLIVIA - Então deve ter veneno neste buquê! (JOGA O BUQUÊ PARA SIBILA) Aquela Hárpia só pode cultivar flôres carnívoras. Fique com elas.

SIBILA - (EXAMINANDO AS FLORES) Muito atencioso o seu gesto. Partindo daquela jornalista, é realmente espantoso. Mas tenho alergia por flôres tropicais. Me deixam com a pele encaroçada... Melhor que decorem a mesa de Ulisses. (DEITA AS FLORES NA ESCRIVANINHA)

ULISSES - (VAGO) E eu tenho alergia por traidores.

Sibila - Ora que mau gosto! Logo hoje que temos um jantar em família você me fala em traição. Acalme-se. Argenta não veio.  Olívia.

OLIVIA - Se está querendo me comparar àquela mulher...

SIBILA - (CORTA) Fique descansada. Você é superior à Argenta em tudo.

ULISSES - (QUE ESTÁ MUITO CALMO E SENHOR DA SITUAÇÃO NOVAMENTE) Pensando bem, foi bom Argenta Amaro não ter vindo.

OLIVIA - (ENTRE A SURPRESA E O ESCÂNDALO) Papai!

ULISSES - Havia falhas em nosso plano. E apesar de tudo, temos Eugênia Amaro nos porões. Argenta não perde por esperar. Logo que as falhas estiverem reparadas ou eliminadas... agiremos. (SOA UMA SINETA)

SIBILA - É Mathilde avisando que a seia está servida. Haroldo, conduza Olívia ao salão. (PARA ULISSES) E você, meu elegante vampiro, de-me o braço. (SAINDO TODOS) So espero que você não sirva escorpiões caramelados na sobremesa. (DÁ UMA GARGALHADA ENQUANTO AS LUZES APAGAM)

CENA 8 -

OLIVIA - (ENTRA RÁPIDA SEGUIDA DE HAROLDO) Pelo amor de Deus, meu querido!

HAROLDO - (BRAVO) O que tem você neste crânio? Confiar em você é destruir o mais bem urdido plano! Sua tonta! Você teve mais de uma oportunidade de matá-lo e não aproveitou nenhuma!

OLIVIA - (EM LÁGRIMAS) Não pude, não pude!

HAROLDO - Ficou com pena! Condoeu-se do assassino! Você merecia morrer!

OLIVIA - Haroldo!

HAROLDO - Perdão, Olívia. Já nem sei o que digo, nem o que penso! Estpu for de mim, desculpe.

OLÍVIA (SECANDO AS LÁGRIMAS) - Está bem. Mas que isto não se repita.

HAROLDO - Me devolve o vidro. Eu mesmo o matarei na primeira oportunidade.

OLÍVIA - Não, agora mais do que nunca quero provar que posse matá-lo. É uma questão de orgulho. Amanhã de manhã, na hora do café, juro que não vacilo.

HAROLDO - Nada disso. Já perdemos a melhor ocasião. Eu mesmo vou matar o homem. Me passa êste vidro!

OLÍVIA - Não; eu vou envenenar Ulisses, eu.

HAROLDO (LANÇA-SE SOBRE OLÍVIA PARA RETIRAR O VIDRO QUE ELA TRAZ GUARDADA NO SEIO) - Não me obriga a usar a força. (AQUI INICIA A MÚSICA DOS RITOS DA PERTILIDADE; HAROLDO PROCURA ARRANCAR O VIDRO DE OLÍVIA)

OLÍVIA- Nunca! (HAROLDO A SUBJUGA TORCENDO-LHE O BRAÇO) - Você está me quebrando.

HAROLDO (ENTRE DENTES) - Você me entrega êste vidro nem que tenha de esmurrá-la.

OLÍVIA (VENDO QUE SIBILA ENTRA COM ULISSES) - Abraça-me, beija-me, êles estão chegando!

HAROLDO (ABRAÇANDO-A) Quero êsse vidro agora!

OLÍVIA - Beija-me...

SIBILA (COM A MORDACIDADE AGUÇADA PELO VINHO) - Estranho que no você tenha se tornado um homem piedoso. Não piedoso que cede sua casa para a celebração de ritos religiosos. Isso é penitência pelos antigos gregos ou é artêriceclerose?

ULISSES - Nem uma coisa nem outra, Sibila. Mais cedo ou mais tarde eu pago as minhas dívidas. Devo favores a essa seita. Sou apenas agradecido, generoso e, acima de tudo, tenho boa memória. Só isso.

(HAROLDO ABANDONA OLÍVIA. ELA SECA AS LÁGRIMAS E AJEITA O PENTEADO)

SIBILA (PARA ULISSES) - Se você não se importa, vou me servir de licor. Seu coquetel tinha um gosto exótico demais para o meu paladar. (VAI AO CARRINHO E SERVE-SE. O TELEFONE TOCA)



OLÍVIA (ATENDENDO) - Sim... eu mesma. (PAUSA) - Compreendo, sim...
(PAUSA LONGA . TODOS OLHAM PARA ELA. ULISSES APROXIMA-SE) - É claro,

fica para outra vez. Até-nreve. (DESLIGA)

ULISSES - Era argenta amaro?

OLÍVIA - Desculpo-se mais uma vez e...

ULISSES (FRIO) - Que mais?

OLÍVIA - Falou que...

ULISSES - Diga de uma vez.

OLÍVIA - Falou que hoje... daqui a algumas horas... Eugênia estará viajando para a Suíça... Elas estão a caminho do aeroporto... Eugênia embarca a meia-noite.

HAROLDO - Não pode ser... Pois se Eugênia Amaro está aqui...

SIBILA (MUITO EXCITADA) - A esta altura ela já deve estar a caminho da pedra do sacrifício... A cerimônia já começou. Escutem a música... A não ser que... tivesse havido um engano...

ULISSES (NÃO PODENDO MAIS SE CONTER, EXPLODE) - Bonorino!

SIBILA - Seu plano falhou, não é, Ulisses? A moça que deveria ser violada, está sã e salva. A caminho da Europa.

ULISSES (CHAMA MAIS FORTE) - Bonorino! (AS FALAS SEGUINTE SÃO INTERCALADAS DO NOME BONORINO GRITADO POR ULISSES)

OLÍVIA (PARA SIBILA) - Falhamos, sim, sua megera! E você é a culpada!

SIBILA - Cala esta boca infeliz, criança vulgar!

OLÍVIA - Pensa que não sei que você entrou aqui com a intenção de bloquear a carreira do meu pai?

SIBILA - Pois se ~~esse~~ foi um dos degraus que ele usou para subir na vida! Pensa que logo agora que posso cobrar meu preço eu iria sabotar seus planos?

OLÍVIA - Arranje outra mentira: nem mil operações vão pôr em ordem nessa cara de múmia!

SIBILA - Ulisses, olha o que esse lixo humano está dizendo... Ai, sufoco... Haroldo, me ampara... eu desfaleço... (HAROLDO A SUS-TÉM E GRITA PARA OLÍVIA)

HAROLDO - Pára com isso, Olívia, ela poderia ser tua mãe!

OLÍVIA - Esse górgona decadente? (DÁ UMA GARGALHADA) - Era só o que faltava!

ULISSES (BATENDO COM O PUNHO NA MESA) - Chega!

SIBILA - Ai, preciso de um remédio... Haroldo me busca alguma coisa... Um licor que seja.

OLÍVIA (IMPEDINDO HAROLDO QUE FAZ MENÇÃO DE SAIR. PARA SIBILA)



OLÍVIA : Ele não vai. Não é criado de ninguém. Só de Ulisses.

BONORINO (ENTRA COM UM GUARDANAPO APADO AO PESCOÇO. VEM COMENDO UMA COXA DE ~~WAZZAZAZ~~ PERU) - Alguma coisa errada, meu patrão?

ULISSES - Tudo. Mais uma vez, um fracasso assinado por você.

BONORINO - Não entendo...

ULISSES - Onde está a irmã de Argenta Amaro?

BONORINO (CONSULHANDO O RELÓGIO) Tomando parte nos ritos da fertilidade. Aqui mesmo, sob os ncosos pés, em seu porão.

OLÍVIA - É o que você pensa, idiota. (VAI PARA A MESA E SERVE-SE DE LICOR. SERVE OUTRO CÁLICE ONDE DERRAMA TODO O VENENO DO VIDRO. DEIXA O CÁLICE ENVENENADO SOBRE O CARRINHO)

SIBILA (TORC-SE DE PÉ NOVAMENTE COM GRANDE DIFICULDADE) --Você raptou a menina errada. Repas, ou você melhora ou abandona o cargo. Das opções, não sei qual a piôs...

ULISSES - Você está despedido, Bonorino.

BONORINO - Não, agora não, meu patrão. Não posso ficar sem emprego; comprei uma casa na praia, não tenho aposentadoria e não tenho do que viver... O senhor não pode...

ULISSES - Saia desta casa e amanhã venha apanhar o que lhe devo. (BONORINO VAI PARA A SAÍDA DOS FUNDO) - Por aí, não. Como você não trabalha mais para a minha organização, vai ter a honra de sair pela porta da frente. Agora, desapareça da minha vista. Suma-se. (HAROLDO FAZ MENÇÃO DE ACOMPANHAR BONORINO ATÉ A SAÍDA) - Haroldo, quem foi despedido é Bonorino e não você. Fique onde está.

OLÍVIA - Não tire o pé desta sala, Haroldo.

SIBILA - Mais um cálice de licor, Haroldo. (HAROLDO VAI AO CARRINHO E APANHA O CÁLICE SERVIDO POR OLÍVIA . EMPREGA-O PARA SIBILA QUE O BEBE DE UM SÓ TRAGO. CUVENESSE NEURALGICAS.)

ULISSES : Consumatum est.

SIBILA - Foi Bonorino que...?

ULISSES - Para qualquer eventualidade, avisei Mathilde que mantivesse aceso o incinerador.

SIBILA (AMARGA E MORDAZ) - Sempre prevenido, meu canalha. E, agora, se me permitem... eu me retiro. Esta noite foi demais para mim... Sinto-me um pouco tonta...

ULISSES - Dama Bem, querida Sibila.

SIBILA - O que não é muito fácil em sua casa, amigo. (SAI CAMBALEANDO E VAI PARA O INTERIOR)

ULISSES - É agora, chegou a sua vez. (REPIRA UMA PISTOLA DO BOISÓ)

OLÍVIA - (ATIRANDO-SE CONTRA ULISSES) - Não, papai!

HAROLDO - Estava demorando mesmo!



ULISSES - Afaste-se Glívia. A pistola está carregada. (OLÍVIA RE-
TIRA-SE LÍVIDA) - Aqui tem esta arma. Prove sua fidelidade a mim e
a minha filha eliminando Sibila Pinel. Como vê, está provida de um
silenciador. Detesto o ruído do tiro: é desagradável e ^{me} perturba um
pouco a audição. (HAROLDO RECOLHE A ARMA E APONTA PARA ULISSES)
- Não, não. Não procure usar a arma contra mim. Meus homens estão
no corredor. Ao menor gesto seu, eles entram aqui e te cortam
ao meio a tiro de metralhadora. Você bem sabe o que aconteceu a
Bonorino. Prova tua fidelidade, da qual, aliás, nunca duvidei. Mas
quero a prova. É apenas um capricho meu. Isto talvez me dê um
desprazer de matar você. Compreenda: é Sibila Pinel ou você. E
tome cuidado. A pistola está destravada.

HAROLDO - Esta devia ser a sua hora final.

ULISSES (RINDO) - Mas não será. Agora vá e não demore. Tem de ir -
da muito a conversar. Vá. (HAROLDO SAI)

OLÍVIA (LANÇANDO-SE AO PESCOÇO DE ULISSES) - Vencemos, papai!

ULISSES - Ainda não. Só temos vencido a primeira etapa quando
Argenta deixar de viver.

OLÍVIA -

E se não conseguirmos destruí-la?

ULISSES - Eu consigo.

OLÍVIA - Então, fora com as preocupações! Sibila também não es-
capa. Esvaziei este vidro em seu licor.

ULISSES - E que havia dentro dele?

OLÍVIA - Veneno destinado a você. Haroldo me pediu que o matasse
durante a ceia.

ULISSES - Aquele aprendiz de traidor! É agora que a verdadeira lu-
ta começa! Tenho os nomes dos participantes do grupo. Vê que pen-
sa que sai tão seguidamente esta semana? Eu mesmo quis agir e ago-
ra tenho os nomes. Os nomes, Olívia. Eu esmagarei a todos. Nada
vai impedir minha escalada ao posto de primeiro ministro.

OLÍVIA - Primeiro ministro? Será a nossa glória, Ulisses! (ABRA-
ÇA-O E COBRE-LHE O ROSTO DE BEIJOS) - Mas você nunca me falou de
nada.

ULISSES - Porque foi uma inspiração que me veio agora e que levar-
rei até o final. Degrau por degrau, morte após morte, doa a quem
doer, eu chegarei até lá. E em pouco tempo.

HAROLDO (ENTRA DESPESADO) - Nada pude fazer... me faltou força, não
consegui.

ULISSES - Pouco importa. Sibila Pinel bebeu o que queria e o quan-
to merecia.



HAROLDO - Que história é essa de que Sibila bebeu o que merecia?

ULISSES - Diga a ele, minha filha. As explicações me entendiam até o fundo da alma.

OLÍVIA - Envenenei Sibila Pinel.

HAROLDO - Sua escorpiã deletéria! Você vai pagar com a vida! (A-ponta a arma para OLÍVIA QUE GRITA POR ULISSES) ELA CORRE E SE PROTEGE ATRÁS DE ULISSES - Fique onde está, serpente. Assim, com uma só bala, mato os dois.

ULISSES - Inútil, meu filho. Pensa que eu deixaria uma bala nesta pistola? Te dei uma arma descarregada, rapaz..

HAROLDO (PREMINDO O GAFILHO) - Mas então...

ULISSES - Tudo não passou de um teste... Queria ver se você era mesmo capaz de matar Sibila.

HAROLDO (DEIXANDO CAIR A PISTOLA QUE OLÍVIA RECOLHE) - Olívia, você não perde por esperar! E você também!

ULISSES (MUITO À VONTADE) - Até que enfim, eis meu fiel secretário me tratando por "você"!

HAROLDO .. Saia agora mesmo daqui; não posso mais...

ULISSES (CORTA FORTE) - Impossível!

OLÍVIA - Ulisses tem o quartelão repleto de seus agentes.

ULISSES - Você está no centro da teia, preso definitivamente. Não há retorno possível. (NUM TOM MAIS LEVE) - Ah, mas relaxe os nervos, meu filho. Posso chamá-lo assim? Não procure sair, se não quiser sofrer algum dano. Olívia sofrerá

muito se algo de ruim acontecesse. Você fica conosco, está decidido. Vou tentar esquecer que você já fez parte do grupo que quer minha destruição, vou apagar da memória seu esboço de traição.

HAROLDO - Não posso viver entre escorpiões. Não quero mais respirar o ar que ela contamina!

OLÍVIA - Credo, Haroldo, mas que grosseria!

HAROLDO - Lembre-se: enquanto eu estiver vivo, nem ele e nem você terão um minuto de descanso. Isto eu prometo. (SAI)

OLÍVIA - Eles vão matá-lo, papai! Faça alguma coisa!

ULISSES - Por que não acredita quando falo?
(SERVINDO-SE DE FÓ) Vejamos o que acontece.

HAROLDO (VOLTA) - Esses homens... armados de metralhadoras do corredor...

ULISSES - Por que não acredita quando falo? Esqueçamos agora as horas amargas e brindemos o futuro. (SERVE BEBIDAS ENQUANTO FALA)



ULISSES - Agora terei, enfim, um filho homem. Você é meu escolhido e de hoje em diante vai dirigir meus negócios. Estou ficando cansado e preciso me ocupar de minha campanha para primeiro ministro.

HAROLDO - Desista. Você não vai me enredar em sua trama.

ULISSES (DÁ UMA PAÇA A OLÍVIA) - Nunca me engano, meu filho. Nem com fatos nem com pessoas. Essa é uma das razões do meu sucesso, entre outras, é claro. Amanhã você casa com Olívia.

HAROLDO - Você está senil, esquelético, à beira da loucura!

OLÍVIA - Não, não está. Amanhã, você e eu seremos marido e mulher. Faremos nossa lua de mel no Oriente. (HAROLDO RECEBE UMA PAÇA DE ULISSES) - Depois voltamos e começamos nova vida.

ULISSES - Decidido. Amanhã mesmo chamarei o notário. O casamento será celebrado aqui mesmo, nesta sala. Passou-se o tempo dos longos noivados. (BEBEM) E para encerrar a noite, desçamos aos poções. Vamos honrar, com nossa presença, os últimos momentos da cerimônia dos ritos da fertilidade. (AQUI A MÚSICA DOS RITOS CEDE LUGAR À ÓPERA)

(CANTANDO) - Sou um nomea bem comum
que dedica suas horas de lazer
à criação de escurpiões.
Sou um homem bem comum
que dedica a vida toda inteira
a bem cuidar de uma família
Tenho duas filhas,
Felícia viúva várias vezes,
E Olívia que agora vai casar.
O que fala contra mim!
Que sou mau e criminoso
-não passa de lenda é fantasia.
Todos viram, sou bondoso,
e perdoei a falsidade
do meu secretário Haroldo.
O que os senhores assistiram
É parte de minha vida.
Infelizmente presenciaram
Alguns fatos desagradáveis
(Chocantes mesmo, eu diria)
Mas qual o homem que em sua vida
não tem alguns dias sombrios?
Perdoem se os fiz esperar
Pelo final desta história.
Ulisses de Lemarr não costuma
demorar na solução de seus problemas!



HARCILDO E
OLÍVIA (CANTANDO TAMBÉM)

- Resta agora escrever
O que já lhes foi pedido:
A vida de Ulisses de Iamart
merece sua consideração.
Pedimos que meditem
E façam o crâneos trabalhar,
Fonham no papel esta crônica familiar,
E se tiverem a coragem de julgar
E emitir algum juízo,
-Consultem a própria consciência.
Examinem sua vida já vivida
E, sem dó, em compaixão
Hão de encontrar um traço de união,
Entre nós que nos mostramos
por inteiro e sem pudor,
E entre os senhores mesmos
Que mascaram o despudor
com o mais fulso recato,
Alaferçando de amor e retidão
seu imenso desamor
e sua voraz ambição !

PANO SÓBRE

" QUERIDÍSSIMO CANALHA "

FIM

BOGEO ALGREF - 1971



Teatro de Arena
Av. Borges de Meloiros, 835
Fone: 226.0243 - CEP 90020-025